

Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII

Nov/Dez de 1996

Nº. 11/12



No conjunto de eventos promovidos na área histórica de nossa Fundação, é-nos grato destacar, nesta edição de "Blumenau em Cadernos", um dos mais expressivos desses eventos, como seja, a exposição de numerosas bonecas e outros brinquedos que fizeram a alegria das crianças do começo do século e até do século passado. Esta exposição, que permanecerá até fins de fevereiro de 1997 aberta ao público no Museu da Família Colonial, tem sido a principal atração naquela casa, desde que foi aberta em princípios de novembro. É dessa exposição, que oferecemos a foto que ilustra nossa capa.

IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- CLICHERIA BLUMENAU LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPROM ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SILVIO PAULO ARALDI, ADVOGADO E FAMÍLIA
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- VICTORIA E WILLY SIEVERT
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Nov/Dez de 1996

Nº. 11/12

SUMÁRIO

Página

Mais uma etapa vencida — O Editor	322
Verbetes para Dicionário de História (12) — Theobaldo Costa Jamundá	323
Curiosidades de uma Época - LXIV — S.C. Wahle	326
Confissões de infância — Knut Evaldo Koster Mueller	327
Reminiscências da 15 — Werner Henrique Tonjes	328
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	332
Eleitor blumenauense elegeu seu novo Prefeito	335
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	336
Evolução histórica do Município de José Boiteux/SC	338
Jornais do meu tempo (4) — Gervásio Tessaleno Luz	343
Figura do Passado — Antônio Roberto Nascimento	344
Mulher imigrante — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	353
Registros de Tombo de Brusque (X) — Pe. Antônio Francisco Bohn	354
Crônica da Família Gebien — Tradução: Horst Baumgarten	356
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	361
Uma excursão de páscoa à Serra do Mirador	362
Um pouco da história de Taió	366
Anotações de um imigrante	367
Aconteceu... — Outubro de 1996	370
Saudações em verso ao Rei (Rainha) do Tiro — Tradução: Anna Maria K. Garcia ..	372
Provérbios — Jefferson D. de Paula	374

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787

89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

MAIS UMA ETAPA VENCIDA



José Gonçalves

Com esta edição englobando os meses de novembro e dezembro, chegamos à 468ª. (quadragésima sexagésima oitava) edição de "Blumenau em Cadernos" e, portanto, encerrando o 39º. (trigésimo nono) ano de nossas edições, sem, felizmente, haver interrompido um único mês.

Será, mesmo, que este fato se constitui em caso único no nosso país? Ou seja: uma revista sem fins lucrativos e preocupada apenas com o resgate da memória histórica e registros de eventos culturais sobreviver tantos anos? É bem possível, porque não temos tido até estes dias, nada de informação de uma congênera em qualquer outra ci-

dade de nosso país.

Não vai aqui nenhuma vaidade pessoal de nossa parte quando aventamos a hipótese acima, mas apenas a satisfação em poder afirmar que se "Blumenau em Cadernos" sobreviveu até os dias de hoje, deve-se ao significativo número de empresas, empresários, entidades outras e pessoas físicas amigas, que nunca, ao longo destes trinta anos iniciados em 1957 pelo idealismo sadio de José Ferreira da Silva, deixaram de dar seu apoio e incentivo, através de assinaturas e, especialmente em doações financeiras, que tem permitido atender aos encargos necessários às edições, no que concerne ao uso dos materiais para composição, impressão e encadernação. Essas empresas e pessoas amigas estão relacionadas no verso da capa da revista. Elas estão em primeiro lugar como garantia fundamental da sobrevivência da revista. Ocupa lugar de destaque também a eficiência do reduzido número de artífices de nossa artesanal oficina gráfica tão bem operada pelos companheiros José Lima Filho, na encadernação, Francisco Filgueiras na impressão, João Silva na impressão da capa e o Arnaldo Eleutério na linotype, tudo sob o comando do mestre paginador, impressor e linotipista Bernardo Tomelin. A dedicação deste pequeno grupo de profissionais vem atravessando anos e garantindo a produção dos trinta e oito tomos que com esta edição estamos atingindo.

E quando estamos encer-

rando os trinta e nove anos de edições ininterruptas desta revista modesta sim, na sua apresentação, mas que veio para garantir o resgate da memória histórica não só de Blumenau mas de tantos outros municípios catarinenses, nos propomos iniciar mais uma fase, a do ano de 1977, agora contando com nova administração do município, que estará sob o comando do jovem advogado e ex-vereador Décio Nery de Lima, que recebeu nada menos do que 67% dos votos dos blumenauenses.

Diante do que tem ocorrido até os dias de hoje, no que concerne ao apoio recebido pela revista, estamos certos de que este apoio não nos faltará no próximo ano e, assim, "Blumenau em Cadernos" haverá de continuar consolidando mais e mais os nobres objetivos que inspiraram ao saudoso Prof. José Ferreira da Silva ao editar o primeiro número em novembro de 1957.

Cumpre-nos, finalmente, a par do nosso profundo agradecimento a todos os que nos apoiaram para mais esta etapa vencida, manifestar a certeza da continuidade desse apoio e, externar a todos os que apoiaram de modo geral o nosso trabalho, o desejo de que o Natal e o Ano Novo lhe sejam fartos de benefícios, especialmente com muita saúde e alegria junto aos seus familiares e amigos.

Que Deus ilumine-lhes o caminho e a todos proteja.

O Editor

VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (12)

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

1. UMA CARTA DE FREDERICO KILIAN

Em papel timbrado da “Sociedade Amigos de Blumenau” com data de 18.02.1958, Kilian me comunicou que trabalha em tempo integral em cópia do manuscrito do eng^o Emil Odebrecht. Transmíti para Ruth (uma Odebrecht) o empenho do historiógrafo.

Frederico Kilian (1899-1995) antes de ser secretário geral da referida sociedade, esteve envolvido com a instrução particular, e já em 1935 convivia no grupo intelectual de Blumenau onde eram destacados advogados e os cartorários. Entre os primeiros estavam: Hans Gaertner, Edgar Barreto, em Indaial, SC o itajaiense Salvio Cunha, e domiciliados em Blumenau, sendo que dos três, só o Dr. Melro ficou para sempre; os nordestinos Francisco de Oliveira e Silva, Luís de Freitas Melro, Osmundo Wanderlei da Nobrega (este alcançou ser desembargador); **dos advogados salientou-se na política o itajaiense Arão Rebelo, que sendo deputado federal com Adolfo Konder, Carlos Gomes de Oliveira e Nereu Ramos assinaram como membros da Assembléia Nacional Constituinte a Constituição promulgada a 16.07.1934.** — Na época como solicitadores atuavam o baiano Thomé Braga e o tijucano José Ferreira da Silva. E ainda como cartorários se tinha em Rodeio-Timbó, Sylvio Scoz e Walter Müller; em Hammonia (Dalbergia) Arthur Müller; em Indaial Jacob A. Schmitt. Lá em cima em Rio do Sul, SC, militava o filho de Itajaí, SC advogando, Max Tavares do Amaral. E ainda na intelectualidade um membro da família Balsini (benquista e progressista) formado no Rio de Janeiro, RJ, o Bel. em Direito, Achyles Balsini. — Frede-

rico Kilian, de ofício era o escrivão de “Orfãos, Ausentes e Provedoria”. É bem claro que este grupo de intelectuais foi solicitado para as representações específicas e exigentes de conhecimentos superiores. E foi ele quem satisfez, regionalmente, o pensamento comunitário com a competência suficiente, quando a comunidade pelos seus quadros precisou.

E Kilian, nele ocupou lugar certo. E tão dele, que na carta dizendo viver permanente interesse “pelos fiéis companheiros do Dr. Blumenau” repete-se no óbvio. Jornalista ou historiógrafo foi garimpeiro de blumenauensidades. Ele pesquisou o processo do progresso blumenauense sem pressa. — Sem pressa e sem descaracterizá-lo. Na carta comenta e compara o comportamento dos que chegaram para as terras dos catarinas interessados em prosperar. E tanta vontade e fé colocaram nos propósitos, que ultrapassaram as moras tristes, os dias difíceis e os anos consumidores de energia. Na comparação escreve: **Lembro-me ainda do relato que minha mãe fazia, de como foram recebidos quando vieram para o Brasil e foram localizados, sete famílias, às margens do rio Fortuna, afluente do Tubarão. Chegaram de navio a vela até Laguna, de lá foram transportadas, em lanchas a Tubarão, isto no ano de 1884. Em Tubarão as bagagens e crianças que não podiam andar, foram postas em cima de carros de boi e levados à Colônia Grão Pará, no rio Fortuna, que naquela época era plena mata virgem. Quando chegaram nas terras que formavam a colônia, terminara também a “estrada”, e bagagens e crianças tiveram que ser carregadas nas costas, mato a dentro, pela picada aberta pela turma agrimensora.”**

A descrição que é parte da carta, e

aqui está salientada, foi produto da reação reprovativa e referente ao comportamento de refugiados húngaros chegados para o Rio de Janeiro, RJ, em 1958. — Portanto 74 anos depois que as sete famílias desembarcaram no porto da Laguna, SC, para colonizar (poderiam dizer também: Civilizar) canto de terras na bacia do rio Tubarão. Kilian diz que a mãe lhe disse que a primeira morada na selva foi bisonha construção com palmas de palmáceas. E que para tê-la pagaram o trabalho aos que os conduziram. E naquela morada tão rústica quanto desconfortável conviveram algum tempo.

O relato materno lhe ficou na memória com a biológica consangüinidade.

Depois daquela carta associei que, no olhar e na comunicativa fraternidade que oferecia, existia vestígio que lhe foi transmitido pela linhagem materna. Daí a reprovação à atitude dos refugiados húngaros, de não aceitarem viagem de trem para Curitiba, PR. E até comenta que exigiam os húngaros o transporte aéreo, quando os migrantes nordestinos são ensardinhados em “Caminhão-Pau-de-Arara”, desconfortável e anti-higiênico em viagens de dias e dias.

Aqui desvio que não cabe na feição redacional de verbete identificador — O instantâneo da senhora Kilian. E de certo doutras mulheres que além de companheiras foram mães. **Mulheres-heróinas sem monumentos. — Dura verdade: heroínas e mães legítimas das motivações inspiradoras dos homens.** Mães-heróinas que além dos filhos que ofereceram à Sociedade a Pátria, jamais sentiram cansaço na manutenção da célula familiar; elas realimentaram a coragem dos homens e repetiram-se incansáveis nas orações noturnas a confiança na Esperança: “DEUS AJUDA QUEM CEDO MADRUGA”.

2. DO LIVRO DA DIRETORIA DE TERRAS

O eng. civil Gil Fausto de Sousa

(por ser atencioso, indistintamente, era popular) deferiu meu pedido para coleta de dados no LIVRO DO REGISTRO DE TERRAS.

Doutor Gil exerceu a função competente e do modo e jeito naturais e não saltou para dentro de carreira política como fez outro diretor de terras de Blumenau, que é destaque na História Política dos catarinas: o Dr. Hercílio Pedro Luz (1860-1924).

E por ter autorização de folhear o referido livro conheci minudências relacionadas com os lotes vendidos, seus compradores e que existiram lotes para os serviços básicos como por exemplo: (1) Para escolas; (2) Para igrejas; (3) Para residência e domicílio de balseiros e carregadores. À época o meu interesse foi limitado na área geográfico do médio vale do Itajaí-açu subindo pela vertente do rio Benedito, sua vertente rio dos Cedros, e pelo ribeirão norteador da “Picada de Rodeio” pela qual subiram pioneiros procedentes da Itália e do Tirol austríaco. — Pretendia aprender muito naquele Livrão da Diretoria de Terras, porém esta estava situada na parte que foi devorada por incêndio a 09.11.1958. (O Palácio municipal, conhecido por uns como a prefeitura velha, e hoje é a sede da Fundação Cultural de Blumenau, mostra por não ter sido restaurado, a dimensão do incêndio. — **Oxalá não venha completar meio século assim: arquitetonicamente, aleijado).**

E do aprendizado informo o seguinte: no lugar Carijó, hoje bairro citadino indaialense (Indaial, SC) o lote nº. 49, foi vendido em hasta pública (expressão jurídica: o mesmo que leilão) a 12.04.1926 sob a autoridade do despacho do vice-governador Antonio Pereira, no exercício da governação estadual. Este lote foi comprado por Erwin Blaese. Antes de ser leiloado estava destinado para escola do sexo feminino. O que permite raciocinar que não alcançou a finalidade. **Colhi, pessoalmente, de Erwin Blaese, que não existia interesse comunitário na**

escola com tal particularidade.

Quem comprou o lote nº 1, do lugar Ribeirão Encano, foi Otto Bachmann e a negociação tem a data de 11 de maio de 1867; ficava a área na margem direita. O lote nº. 1, do lugar Caminho das Areias (hoje centro da cidade: Indaial, SC) locado na margem esquerda do ribeirão Warnow, pertenceu a Frederico Feustel por compra a 25 de junho de 1868. Já lugarejo Aquidabã (hoje município de Apiuna, SC) o lote nº. 1 foi reservado para residência e domicílio do balseiro; e o nº. 2, por compra pertenceu a Lorenzo Damiani, que por arrendamento passou-o em um leilão para Leopoldo Knoblauch; tudo em julho de 1881 quando por ali foram proprietários de lotes: Felix Deeke, Francisco Antônio de A. Margarida, Walter Baumgarten e Otto Stutzer comprando-os também em leilão.

Chamava-se Adolfo Bernack o comprador do lote nº. 1, de Indaial (atual cidade: INDAIAL, SC), este dava o fundo para a margem do rio Itajaí-açu, e quem o mediu foi o Dr. Almeida Portugal, chefe da Comissão de Terras, em 1876, apesar da compra ter sido realizada a 24 de set/1868; o lote nº. 2 da mesma localidade foi comprado por Frederico Thummleic (?), o negócio aconteceu a 12.05.1869 e a medição também em 1876; por ter sido abandonado foi revendido para Augusto Rechenberg a 24.05.1870, e este comprou também o lote nº. 4, antes pertencente a Emílio Wendt que o abandonou.

Em Indaial daqueles anos das décadas 1870 e 1880, possuíram lotes: Nicolau Dieterle, Emílio Wendt, L. Nagel, Guilherme Schroeder, Frederico Radloff, Augusto Keuneck, Thomaz Flores, Júlio Stadali (?), Henrique Probst, Detler Krambeck, Augusto Richter, Jorge Gloden, Guilherme Strey, Júlio Bernack. E o lote nº. 15 foi reservado para o cemitério.

Ainda como dono de lotes em Indaial estavam registrados no livrão da Dire-

toria de Terras que virou cinzas: Luís Gessner, Henrique Bieber, João Adolfo Schaefer, Carlos Rothbart e Bruno Ostreich. O lote número 20 foi reservado para escola desde 1877.

Nos tempos em que foram operadas as vendas, revendas e reservas para satisfazer e estimular a organização comunitária, foram definidas as áreas rurais ou urbanas em: (a) Comunidade católica e (b) Comunidade luterana. Não existia espaço neutro. Mesmo assim o livro da Diretoria de Terras não definia se o lote reservado era para a comunidade A ou para a comunidade B.

Quem no lugar "Mulde" aparece com o lote nº. 1, é Henrique Weijs que tendo abandonado o mesmo possibilitou a Henrique Offe comprá-lo; a compra, o abandono e a revenda ocorreram no período de 21.08.1868 e 20.02.1869. Este foi outro lote que mereceu medição feita pelo Di. Almeida Portugal em 1877.

O lote nº. 1, localizado no ribeirão Neisse (área da povoação Aquidabã, hoje Apiuna, SC) teve como proprietário por compra Iacomo (?) Mazzini; no ribeirão São Paulo (área do atual município de Ascurra, SC) pertenceu por compra a Catarina Possamai desde 05.03.1880.

É prova de preocupação com a preservação de religiosidade, de valorização com a instrução e do culto aos mortos, a existência de lotes para igreja, escola e cemitério. Este propósito na ordenação colonizadora com raízes na "Colonie Blumenau" contribuiu para existência de esforço comum construtivo: percebe-se que a prática religiosa foi alavanca para remover: (a) Depressão; (b) Desagregação; (c) Desinteresse, que já em fevereiro de 1871 o lote nº. 1, do lugar Encano, estava reservado para a Comunidade católica. O que significa afirmar os pioneiros ali chegados congregaram-se numa dinâmica permanente civilizatória: a igreja para todos, a escola para os filhos,

o cemitério para homenagem e zelo aos familiares vivos na memória familiar.

Observe-se que os dados aqui transcritos estão no período que é limitado entre 15.01.1866 quando Augusto Re-

chenberg comprou, no lugar Encanó, os lotes nºs. 2 e 4 e o ano de 1880 com Catarina Possamai, sendo proprietária do lote nº. 1, do hoje ascurrense ribeirão Paulo.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO :

FREDERICO KILIAN, Carta, de 18.02.1958; CARLOS FICKER, São Bento do Sul — Subsídios para sua História (1973); THEOBALDO COSTA JAMUNDA, Interpretação Regional do Município de Rodeio (1948); CALENDÁRIO BLUMENAUNSE, 1935, 2º. ano; CARLOS HUMBERTO CORREA, Guia dos governantes de Santa Catarina (1979); JOSÉ FERREIRA DA SILVA, História de Blumenau (1972).

Curiosidades de uma Época - LXIV

BLUMENAU EM CADERNOS e suas duas fases

S.C. Wahle

1995

Em 1957 passei quase um ano em Blumenau. Um certo dia o meu pai mandou-me um recado, pois o Ferreira queria falar comigo. No mesmo dia ainda tive a oportunidade de falar com ele. Queria mostrar-me o primeiro número da revista "Blumenau em Cadernos". Era grande a sua preocupação em lançar uma revista duradoura. Disse-lhe que a revista teria que cair no agrado dos leitores. Para isto seria preciso acompanhar as sucessivas edições, analisando o interesse dos leitores e ir corrigindo as observações. Meu pai ainda emprestou-me uma revista de sua terra natal, que seria algo parecido com a que José Ferreira da Silva tentava conseguir. É muito comum o aparecimento de revistas com vidas muito efêmeras. Mas Ferreira sempre tomava as coisas à sério, e conseguiu alcançar o seu objetivo. Inesperadamente, em 1973, a sua morte prematura, parecia por a perder todos os seus esforços de anos.

A simples substituição por um editor responsável, não era solução. A solução era uma pessoa que conduzisse a revista dentro das trilhas e metas de Ferreira. E isto aconteceu com o substituto dele. José Gonçalves foi sem dúvida a pessoa mais indicada para substituir José Ferreira da Silva. Só vim conhecer pessoalmente José Gonçalves após estar conduzindo "Blumenau em Cadernos" já durante 19 anos, em 5 de setembro de 1966, durante a cerimônia da entrega dos certificados. Embora, aparentemente se trata de duas pessoas de formação diferente, as capacidades realizadoras são idênticas. José Gonçalves não só é o redator responsável, como desempenha um exaustivo trabalho de cobrança, coleta de doações (para o índice), arranjos de impressão e revisão de textos.

Desejo ao Sr. José Gonçalves o mesmo sucesso ainda por muito tempo.

Confissões da infância

Knut Evaldo Koster Mueller

A BANDEIRA

Aconteceu pelo espaço de tempo entre 1943-44, pode ser até 1945. As coisas eram difíceis, mas eu ganhara de meu pai uma bicicleta quase do tamanho normal para adultos. Não era nova, era reformada, toda azul-claro, com quadro de tubos grossos e, o que me intrigou inicialmente, tinha pneus balão, de côr amarelada. Logo notei não ser esta uma bicicleta para velocidade, porém era confortável para longos trechos. Em poucos meses ela estava sob domínio total, sabia o que podia tirar dela, tudo, menos velocidade. Gostava do barulho ôco dos pneus balão sobre o calçamento da rua XV e da firmeza com que enfrentava lama e areia.

Um dia encontrei em uma casa uma pequena flâmula de pano, representando a bandeira nacional. Imagineu que ficaria muito bem na bicicleta e fixei um arame no paralama dianteiro, prendendo nele a flâmula desfraldada. No íntimo sentia-me orgulhoso pelo símbolo do meu país e comecei dando umas voltas pelas casas dos meus amigos. Ouí comentários de reconhecimento pela posição destacada em que enfeitava a frente da bicicleta. Afinal, era nosso, patriotismo manifesto.

Uma tarde, após o almoço, dei um passeio pela Alameda, até a casa dos Huscher, dei a volta e ao passar diante do estádio do Olímpico, marchava à minha di-

reita, na calçada, o Cabo Brito, uniformizado, com seu quépi, como sempre enfiado na cabeça até os olhos. De braço estendido veio em minha direção. Parei. Sem dizer uma palavra sequer, meteu a mão nos cordões que fixavam a flâmula e a arrancou. Fiquei paralizado. Ele a enrolou entre os dedos, virou-se e saiu marchando naquele passo forçado característico dele, sem nada dizer. Montei na bicicleta e dei partida... ao ultrapassar o Cabo Brito, novamente me parou. Estendeu-me a flâmlua, segurei-a, ele se virou e voltou a marchar, murmurando algumas palavras que não entendi. Voltei para casa, encostei a bicicleta e fui guardar a flâmula sobre minha mesa. Naquela tarde fiquei em casa, tentando descobrir qual era a diferença sobre o patriotismo entre o que se passava na cabeça do Cabo Brito e na minha.

Até hoje ainda não achei explicação plausível, mas comecei, por estes anos todos, observar a relação das pessoas com o símbolo de sua pátria. Uma coisa ficou certa, constatada e pode ser notada por qualquer um: sempre que a bandeira nacional manipulada em qualquer cerimônia, está sempre rodeada por carrancas, como se esta expressão fisionômica representasse respeito. Um respeito forçado, desmotivado, ôco; que me faz lembrar a fisionomia do Cabo Brito. Só o ex-presi-

dente Collor hasteou-a sorrindo de alegria. Errado?

Muitos anos depois. Eu estava servindo no Forte de Copacabana (hoje museu) e 3º. C.A. Cos, quando certa manhã, 8:00h, assumi o comando da guarda, como oficial-de-dia, para o hasteamento da bandeira nacional. Continência, toque de corneta e o sargento-de-dia hasteou-a rapidamente. A maresia havia enfraquecido o suporte superior da corda no mastro e a bandeira veiu ao chão. Avancei rápido, recolhi o pavilhão, dobrei-o e entreguei-o ao sargento que providenciasse imediatamente sua fixação no local onde simbolicamente já se encontrava — no alto do

mastro. Antes de deixar o comando da guarda expliquei aos praças da guarda o significado do incidente na cerimônia, que nada havia alterado nossa conduta em relação ao símbolo nacional. O corneteiro, terceiro sargento, escuro, de cabelo branco pela idade, e que já fora homenageado em uma crônica de Carlos Drummond de Andrade — O Corneteiro do Forte — pela clareza melancólica com que tocava o Silêncio, compreendeu perfeitamente, acenando com a cabeça e rolando os olhos risonhos. Recordando hoje tudo isto, parece que, "mutatis mutandis", o Cabo Brito ouvira o galo cantar, só nunca soube onde.

Observação: Fiz o CPOR-RJ, sendo segundo tenente R/2 de Artilharia. Fiz um estágio de um ano, como curso de comandante de ação, no Forte de Copacabana. Quanto à crônica — O Corneteiro do Forte — ser de autoria de Carlos D. de Andrade não tenho certeza, mas existe, antes de 1958. E é dedicada àquele terceiro sargento escuro, baixinho, idoso, um ás na corneta. O incidente realmente aconteceu comigo durante aquele tempo.

REMINISCENCIAS DA 15

Werner Henrique Tönjes

(Dedicadas postumamente à minha mãe Lilly Strassmann Tönjes)

O BADALAR DO SINO DOS ANOS 40

Na Alemanha é possível ouvir-se um capítulo inteiro de novela televisivada passeando-se pela calçada e prestando atenção aos sons oriundos das residências. Também as notícias são perfeitamente audíveis lá pelas 20 horas. No começo de 1940 a guerra intensificava-se na Europa. O Brasil mantinha a postura de neutralidade frente às hostilidades. Na rua 15 de Novembro e moradores adjacentes escutavam apreensivos as notícias da rádio Berlim. O final bélico era imprevisível,

muitos vieram da Alemanha e deixaram parentes lá. Antes da irradiação com as últimas novas o som de um sino marítimo tocava grave e pausadamente. Percebiam-se as badaladas e cada, correspondia a mil toneladas de embarcações aliadas afundadas. Um silêncio profundo era percebido.

* *

A TRANSIÇÃO DE UMA ÉPOCA

O fato mais impressionante ocorrido na minha adolescência foi um acidente na esquina da rua 7 com a Floriano Peixoto. Os seus participantes

fôram um carro de molas puxado por dois cavalos marrons e um automóvel. Os equinos apavorados com o ruído proveniente da má regulação do carburador empinaram e as barrigas dos quadrúpedes ficaram em contato com a frente metálica do automotor, rompendo as vísceras o que resultou na queda de ambos ao chão. Os ginetes com os corpos em ritmos espasmódicos, estavam cavalgando em planícies amplas e verdejantes, já não eram mais deste mundo, nas feridas abertas jorrava o líquido vital. Muitos eram os espectadores e ninguém, ninguém mesmo poderia voltar o tempo, nem alguns segundos antes quando eles eram sadios, sem saber do desastre fatal que os atingiria. Este confronto animal versus máquina foi o símbolo para mim da transição de uma época conhecida, pacata e bucólica para um novo tempo desconhecido, assustador e perigoso, sem recuo no caminho progressivo onde o ser humano teria o mesmo destino funesto dos animais sempre que houvesse uma confrontação entre máquinas, pois era a parte mais frágil.

* *

DESPEDIDA MUSICAL

Um arquiteto e a sua esposa, filhos de tradicionais famílias blumenauenses eram fiéis frequentadores da antiga Varanda Tönjes com direta vista ao rio. Eram os últimos a saírem e sempre acompanhados pela música Auf Wiedersehen (até breve). Outros clientes que nesta hora lá estivessem eram brindados da mesma forma. O casal, entretanto, nunca soube o mecanismo desencadeador da melodia, sincronizado com o levante de ambos da mesa. Em 1975 reformou-se os fundos da velha casa, demolindo-se a Varanda e construindo-se uma nova fachada de estilo típico. O salão deslocou-se para o 1º. Andar e a clientela acompanhou.

Lá estava o casal fiel frequentador, novamente sentado na última janela e apreciando o movimento e a paisagem até a hora do fechamento. Geralmente às 22 horas, a música mecânica era silenciada e não demorava muito o casal pedia a conta, o ruído da extração da nota fiscal era ouvido pelo encarregado do som que estava a postos observando o imperceptível sinal da garçonete. Ao se levantarem para surpresa e satisfação, o par ouvia a conhecida melodia seguindo-o até a saída do estabelecimento. Nada tinha mudado.

* *

A ÁRVORE E O VIGIA

Estudantes dos colégios centrais da cidade faziam uma maratona cronometrada em minutos: O recreio de 10 minutos dividia-se em 6 minutos de ida e volta e 4 minutos para degustar a empadinha de massa folhada com azeitona sem caroço. Num dos educandários um vigia era encarregado de impedir a fuga dos alunos. Temia-se algum acidente no percurso, o trânsito nos anos 70 dava mostras de recrudescimento. O corpulento vigilante escondia-se atrás de uma magérrima árvore e somente a cabeça ocultava-se, era uma situação hilariante. Os jovens optavam por caminho diverso a fim de não serem barrados pelo cidadão em seu caminho ao Tönjes.

* *

O CONCERTO NOTURNO

Um estabelecimento na via principal vendia carnes. A linguiça suína era muito procurada pelo sabor e aroma. A higiene era impecável e a clientela era vasta. Altas horas da noite uma ou outra vez os felinos residentes nas imediações atraídos pelo irresistível cheiro penetravam através das grades de aço da porta principal da loja a procura da refeição; esta era guardada em lugar alto e protegido. Frustrados por

nada alcançarem os gatos miavam, e os caninos das redondezas para lá se dirigiam. Eram porém impedidos pela estreiteza dos orifícios da cortina de aço, e, revoltados por não acertarem as contas com os que estavam dentro do local latiam e tudo era uma orquestra animal. Com o raiar do dia os primeiros humanos apareciam na calçada e os cães se retiravam. Após a saída dos últimos quadrúpedes os bichanos furtivamente se afastavam e a vida nos arredores voltava ao normal quer dizer as pessoas trabalhavam e os animais espreguiçavam-se ao sol ou dormiam após a noite agitada.

* *

NOMES ESQUISITOS

Proprietários das lojas tinham nomes difíceis de pronunciar. O dono da Relojoaria Cronos, Hoesch, era o senhor Cronos e a sua senhora pelo facto de seu relacionamento com o Cine Foto Amador Scholl era a "Frau" Amador.

Hoje em dia diz-se éringe para Hering e vólkisvagem para Volkswagen, Mila para Müller, e por aí a fora.

* *

BRR, BRRR, BRRR!

Muitos quilômetros distantes da Rua 15 um fabricante de pepinos em conserva ia de vento em popa em seus negócios. Era o principal fornecedor da grande Blumenau já nos anos 20. A sua residência era bem cuidada com um bonito jardim cheio de flores; isto era típico alemão, ao lado a cerca com um portãozinho e um caminho muito trilhado em declive dava acesso ao portão do galpão onde a carroça, os arreios, a ceifadeira e cortadeira de cana de açúcar eram guardados. Nos fundos do abrigo, extensas prateleiras abrigavam dezenas de vidros vazios de conserva utilizados para envasar pepinos em salmoura ou vinagre, tudo muito organizado e cada coisa em seu lu-

gar. Os negócios iam bem, ele saía de manhã carregado de mercadorias e à tarde retornava com a carroça vazia. Um dia o envasador de vegetais concluiu ser necessário a compra de um veículo moderno pois julgava ter uma mente progressiva, o equino estava velho e merecia sua aposentadoria, a de cavalgar livremente nos pastos verdes nas cercanias. Comunicou a sua esposa a intenção e noutro dia partiu para a Stadt (cidade) pois estava na Kolonie (fora do centro) e na Agência Ford tradicional comprou o transporte com várias dezenas de cavalos sob a capota. O casal não cortaria mais capim em dias de chuva no pasto encharcado onde só tamancos de madeira lamacentos se davam bem, enquanto o animal bem protegido aguardava no refúgio. O carro comportava mais entregas e onde parasse não reclamariam do cocô na frente das vendas; isto o cavalo freqüentemente fazia. Além disso bastava buzinar e o pessoal viria. Absorto em seus pensamentos, orgulhoso partiu para casa. Próximo da morada acionou o fonfon e a consorte abriu a janela a fim de vê-lo, e acenou, ela estava feliz com o marido, dirigindo o automotor em direção das portas acessando ao galpão. Também os vizinhos estavam olhando. Pisando fundo no gás passou na frente de todos e em seguida gritou como costumeiramente anos e anos a fio o fazia: Brr, brrr! Os cavalos debaixo da capota do veículo não ouviram e o carro continuou em velocidade com o condutor desesperadamente gritando brrr! brrr. O Fordeco parou na grota do pasto depois de varar o galpão levando tudo que nele havia para fora juntamente com a parede de madeira. O velho e cansado cavalo interrompeu seu almoço: Decididamente após tantos anos de convivência com os humanos não os compreenderia jamais.

(Elke Pantzier)

Nota: Conversando com um participante da velha época este assegurou-me ser comum frear o carro exclamando condicionado brrr.

W. H. T.

* *

GRR, GRRR, GRRR!

Onde hoje se situa o Banespa, aproximadamente, havia nos fins de 1940 o Bar e Restaurante Blumenauense de Matheus Fabian. Nos fundos estocavam-se as bebidas do estabelecimento. O depósito era guarnecido por um muro, todavia suspeitava-se da diminuição do estoque de bebidas sem que estas fossem vendidas e concluíram pela guarda apropriada do local na forma de uma cadela misturada boxer e bulldog. Ela incorporava a ferocidade e salto de uma raça com o jeito da outra, de não largar a presa mesmo que quizesse devido aos dentes caninos encurvados para dentro. De madrugada uma sombra pulou para o interior da área murada e costumeiramente dirigiu-se ao lugar das garrafas do bar, apropriando-se de duas, uma em cada mão. A cachorra principiou a latir e em dado momento arreventou a correntinha e foi no encaço do gatuno que pulou para fora seguido do animal. A seguir seqüencialmente aconteceu o seguinte: No primeiro salto a cachorra arrancou a camisa da sombra, no segundo mordeu a camiseta e a destruiu, na terceira, a calça e a deixou em frangalhos e o homem largou os tamarcos, correndo mais célere e já gritando, na outra investida a mordedura do quadrúpede fincou-se na cueca e a deixou em projeto com o meliante largando as garrafas e num outro ataque acertou em cheio na carne macia do prolongamento das costas. Naquela época ainda havia o posto de gasolina Blohm distante do bar algumas dezenas de metros antes da atual praça Dr. Blumenau, e para lá correu

o ladrão trancafiando-se na toailete seguido do cão. Mal conseguia fechar a porta, o canino com as patas em pé pressionava a entrada do mictório e latia furiosamente frustrado por não poder morder uma só vezinha a mais tão tenro fundilho, a cada nova rosnada o larápio, pego em flagrante, respondia com um grito de dor e este dueto continuou um tempo até que vizinhos acudissem, afastassem o amigo do homem e prendessem o amigo do alheio que jurou nunca mais assaltar onde avistasse um cão de guarda.

(Elke Pantzier)

* *

O BUSTO CAIDO

Na Confeitaria Tönjes serviam-se refeições, para tanto na geladeira eram guardadas as carnes nobres, como o filé mignon. Apesar de fora da estação de férias consumia-se pouco, o produto em peça de 1.000 grs. desaparecia em grandes quantidades. A auxiliar de cozinha era corpulenta e encarregada de cortar o mesmo, pois na época 1 kilo correspondia a 4 filés de 250 grs. servidos na mesa, era o peso standard da Casa. Certa vez ao finalizar o expediente a empregada ao abaixar-se para pegar a sua sacola contendo aventais foi vista pelos presentes de perder a metade de seu busto que esparramou-se no chão. A funcionária apavorada nada pôde fazer e assim descobriu-se o expediente. Ela porém não foi demitida, pois uma outra, talvez faria o mesmo e era melhor adverti-la do que recommençar tudo novamente com outra candidata ao busto caído.

* *

AS PANCADAS E OS ROJÕES

Nos anos 60 o guardião da residência era o cão pastor alemão Harras I que a noite tinha acesso a toda a casa da barranca do rio até a moradia, a família descansava, sabedor da segurança proporcionada pelo fiel amigo

contra intrusos. Tudo era silêncio. Uma noite ouviram-se pancadas primeiro imperceptíveis e depois cada vez mais fortes e metódicas. Eram três da madrugada, onde estaria o cão que não latia nem rosnava ouvindo tanto ruído? Intrigado o pessoal de casa levantou-se pé ante pé, sabia-se lá quem e o que era tal barulho, até podia ser um assalto com estranhos forçando a porta da confeitaria e todo o cuidado era pouco. O canino não estava em seu posto, teria sido envenenado? Chegando mais perto do local depararam com a seguinte cena no andar inferior: Harras estava deitado na frente da porta da loja e o fiel amigo aproveitava a ocasião para coçar-se, a pata também batia na porta sem que o tão atarefado deparasse com o ruído que causava. Tudo não passou de um enorme susto e todo mundo voltou para a cama.

Noutra ocasião a babá teve que pegar o ônibus antes das 22 horas e para tanto providenciou tudo para que

o bebê Claus não fosse incomodado em nada, fechou a porta e passando pelo corredor mandou o Harras vigiar. Quando os pais chegaram em casa logo após as 22 horas encontraram a porta do quarto da criança aberta e o fiel amigo deitado ao lado da cama, a criança dormindo porém em posição inversa. Em comemoração a um jogo futebolístico foram lançados foguetes os quais acordaram o bebê, que principiou a chorar. O cão pastor ao ouvir o choro, levantou-se e com as patas dianteiras abaixou o trinco abrindo a porta, dirigindo-se ao pequenino ser e, após lambê-la a sua mãozinha, acalmando-o, deitou-se perto com o focinho pousado em cima da pata e em direção à entrada descerrada. A criança, sentindo proteção, adormeceu confiante até a chegada dos pais. A preocupação dos residentes na Rua 15 cujas moradas davam acesso direto ao Rio Itajaí Açu era a possibilidade de assaltantes utilizarem-se desta via fluvial e isto criava um estado permanente de insegurança.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

PADRE ARISTIDES DERETTI COM SAUDADES E RECORDAÇÕES DE ASCURRA

Em 15 de setembro passado, na festa dos ex-alunos salesianos, realizada no Colégio «São Paulo» em Ascurra, trouxe-me imensa alegria o reencontro com o Padre Aristides Deretti, com quem tive o prazer de relembrar os tempos longínquos de seminário salesiano, nos Colégios de, Ascurra e São Paulo. Diz-me o abnegado sacerdote, que Ascurra fôra a sua segunda terra natal e com muita alegria, veio

celebrar, neste dia 15 de setembro, os seus sessenta e um anos de vida. Registramos, assim, nestas páginas de «Blumenau em Cadernos» algumas passagens que o ambiente fraterno do seminário, calou fundo na alma desse incansável salesiano.

Em 15 de setembro de 1935, nascia Aristides, em Luiz Alves, ainda distrito de Itajaí, no 1º. Braço do Norte. Diz-me, Aristides, que

nascia um autêntico caipira, dos que não mais encontrou pelas suas andanças de trinta anos de pároco, começadas no Natal de 1966. E nestas margens do Rio Itajaí-Açu, nesta cidade de nome obscuro que os Salesianos tornaram-na famosa, ele nasceu para a sua adolescência, para o mundo maravilhoso da cultura, das Letras, Artes, Ciências e Música e onde por 5 anos, foi burilada a sua personalidade, para os segredos da perfeição humana e da Santidade. No dia 9 de fevereiro de 1950, despedia-se dos irmãos e de sua querida mãe, e com o dileto pai partia a pé, com um saco nas costas, e nele dois lençóis, duas fronhas, duas calças compridas, que tinha vergonha de usar e mais um dentifrício e uma escova de dentes novinha que não sabia usar e o seu primeiro sapato nº. 42, sendo que até hoje usa 39, e um enorme chinelo...

Dormiu na casa do seu tio Adolfo e sua tia Nina, onde dois de seus dezesseis filhos haviam decidido ser Padres: eram os primos Claudino e João Vegini, aos quais, deve ele, a sua decisão e vocação sacerdotal.

Não se lembra se dormiu naquela noite. No dia seguinte, bem cedo, partiram de carroça rumo à Caçapava, onde o Padre Militino Wust os esperava, que de ônibus, os levaria à Ascurra. Era o dia 10 de fevereiro de 1950, numa sexta-feira, há quarenta e seis anos. E após ter percorrido três quilômetros a pé, uns de carroça e mais uns 50 de Linha, adentrava ele e os demais, os grandes pátios do Colégio «São Paulo», carregado de boa vontade, de dúvidas, incertezas e medo...

E logo eram 200 seminaristas, em duas divisões, seis Padres, quatro clérigos, três coadjutores e mui-

tos homens e nenhuma mulher. Tudo estava previsto desde a Ida-de Média: cabeça raspada, pés descalços, muita fila, muito silêncio, muita oração, muita ordem, muito estudo, muito corre-corre, nada de mão no bolso, muita polenta com leite, muito pão de milho com doce de banana ou de laranja. E depois, um grande salão de estudos, novamente com muito silêncio, somente quebrado pelo tique-taquear do grande relógio de parede que marcava os segundos para o Padre Francisco Costa, e para sua admiração, aí muita saudade. Ele e nós sabemos o que ela é, como a descreve Menotti Del Picchia, procurando retratar o sentimento do escravo ao ser tirado de sua terra, sem esperança de voltar. Diz Menotti em BANZO: «saudade é estar varado de angústia, olhando o horizonte, calado, dormente, pensando, sofrendo, chorando, morrendo». Ou como Silas de Melfon em, DO COLÉGIO UM FILHO ECREVE À MÃE :

«Mamãezinha: cheguei ontem, o Colégio está triste. Só saudade, só tormento, em redor de mim existe. Mas, olha: estou vendo agora, que razão de sobra havia. Quando chamavas teu filho, distraído em demasia. Imagina, mamãezinha, por não sei qual distração. Deixei por si perdido, o meu pobre coração. Procurava-o; vê se o encontras, tem pena do meu sofrer. Pois, como sem coração, pode teu filho viver

O pequenino Aristides queria fugir, mas como escapar dos olhares da equipe dos Padres Superiores?

Vejam os Superiores do Colégio «São Paulo» de Ascurra presentes em 1950: Padre Sílvio Sa-

tlar, Diretor, com suas passadas de militar que reboavam, barrete de três abas, cabeça erguida e olhar muito sério: era aterrador.

Padre Generoso Bogó, Ecônomo, com sua bondade que o fez chorar quando partiu para as missões no Vietnã. Padre Francisco Costa, Conselheiro, com variadas tarefas e a pontualidade dos segundos, o infatigável e misterioso. Militino Wust, Padre Catequista, artista de pintura e atencioso amigo, que há dois anos faleceu em Londrina onde, Padre Aristides, teve a felicidade de privá-lo um pouco, dum alma que vivia Jesus com paixão dum Santo. E mais adiante, o Padre Octávio Bortolini, que além de Padre parecia gente, sempre esbelto e jovial. E o Padre Mondini, tão gordo quanto paciente e Santo! Com a De Soto, primeiro carro adquirido pelo Colégio, corria atrás de campanhas de arroz para as 220 bocas do Colégio se alimentarem. Era o confessor de Aristides.

E o veterano Padre Simão Meikel, também o confessor preferido dos seminaristas, por ser um tanto surdo, com seus dois enormes cachorros que atendiam pelos nomes de Fido e Stalim. Os meninos do Colégio, ao se confessarem, lhes dava como penitência: três Padre-Nossos e três Ave-Marias. «per i porci Russi». Parece que Aristides, ainda o vê, numa manhã, todos em fila, para irem às aulas, e Padre Simão, parou na frente da porta da sala de estudo, com seu grande chapéu de palha, enxadão no ombro e ficou a olhá-los. Ia começar a preparar o terreno para a construção do futuro Teatro; e tudo isso para que não crescessem bobos, porque, dizia: «chi nasce bobo não guariche mai... e tu che sei natto bobo, quando guarirai? mai,

mai, mai!!- E os Clérigos assistentes: Ilário Moser, hoje Bispo, Tobias Schmit, Antônio Possamai. Bispo de Ji-Paraná e Clérigo Andreata...

E os Irmãos Coadjuutores: Celestino Nart, Aquilino Minella, Vicente Michalack... E após cinco anos, diz Aristides, que o caipira já era fidalgo, e com a alegria dum nordestino iria para São Paulo, conduzido pelo paulistano, Padre Walter Ivan de Azevedo, hoje Bispo no Amazonas, e onde no Liceu Coração de Jesus, São Paulo, Capital, iria ver, pela primeira vez uma televisão com o jogo do Santos, que ninguém gostou, porque no rádio era bem mais animado. E depois. São Paulo, Lavrinhas, Pindamonhangaba, Lorena 5 anos, sem visitar ou ser visitado pelos seus pais e irmãos... E, finalmente, ficara importante, autoridade subalterna, Assistente do Instituto Padre Pastorino em Rio dos Cedros em 1960 e 1961, com Padre Orestes Satler, irmão de Padre Silvío, Padre Tobias e o vice Carlos Pissetta.

Em 1962, Ascurra o tinha de regresso para o terceiro ano de tirocinio, Assistente da divisão dos maiores, e já os Salesianos tinham-lhe proporcionado o Bacharelato em Letras Anglo-Germânicas e o caipira já era: Senhor Clérigo, com 1,70m, 65 quilos de magreza, e fazendo a prova de fogo: o tirocinio.

E, hoje, Padre Aristides Deretti, em atitude de «Deo Gratias», que tantas vezes no Colégio de Ascurra, falou em resposta ao BENEDI CAMUS DOMINIO, veio neste dia de seu natalício, para também matar as saudades. Já não com o BANZO de antanho, mas com a alegria de criança, de todo um passa-

do que valeu a pena, no meio de amigos sue passaram o que ele passou, celebrando a Amizade, que é o exercício do Amor, que leva a todos à Santidade, porque torna a

todos BUONNI CITADINI e OTIMI CRISTIANI. E porque Dom Bosco diz. «Aqui nós fazemos consistir a Santidade em estarmos sempre ALEGRES».

Eleitor blumenauense elegeu seu novo prefeito

A escolha recaiu sobre o jovem advogado Décio Nery de Lima, pela legenda do Partido dos Trabalhadores

Num pleito dos mais tranquilos e participativos, pois a abstenção foi mínima, o eleitor blumenauense elegeu o prefeito substituto do até então prefeito Renato Vianna. O dia três de outubro último trouxe, assim, como surpresa, a decisão soberana de um eleitorado que revelou, acima de tudo maturidade e independência de propósitos, não se deixando submeter pelas imposições partidárias como antigamente acontecia nos conhecidos «voto de caixão» e «voto de cabresto». Cada eleitor manifestou-se de forma democrática escolhendo livremente seu candidato e, assim, a maioria que em números ultrapassou a 22 mil eleitores, decidiu que o novo prefeito seria um jovem advogado que, pelo seu comportamento durante toda a campanha, limitando-se a apresentar seus propósitos de governo com um dos programas mais bem elaborados, sem ferir ou atacar nenhum de seus adversários, acabou conquistando a confiança do eleitor e elegeu-se, para surpresa das oligarquias que apoiaram os outros candidatos.

Décio Nery de Lima, pela legenda do PT, teve ainda o apoio das siglas partidárias do PPS, PSB, PMM e PC do B, recebendo nada menos do que 68.951 votos, contra 46.648 do segundo colocado Wilson Wan-Dall, com um percentual, portanto, de 67%. Como vice-prefeito o sindicalista Inácio Mafra,

que, por sua inteligência e tirocinio, poderá ser um excelente coadjuvante no desenvolvimento do excelente programa de governo apresentado durante a campanha.

Na Câmara de Vereadores também houve significativa renovação, tendo, dos 21 vereadores, sido reeleitos apenas 7, sendo que 14 são novos militantes que, assim, com suas idéias e novos propósitos, poderão dinamizar ainda mais a ação do legislativo blumenauense.

São os seguintes os vereadores que comporão o legislativo: Rufinus Seibt, Marco A. Wanrowsky, Ismael dos Santos, Alcir Mueller, Antonio João Nunes, Arnaldo Zimmermann, Célio Scholenberg, João Luciano, Deusdith de Souza, Eduardo Sitonio, Agnelo P. Lanser, Edson P. Brussfeld, Jens Manta'u, Oscar Rautenberg, Braz Roncáglio, Nagel Marinho, Vitorio Tomio, Ivo Hadlich, Mauricio Pacheco, Almir Nascimento e Alsina Micheluzzi. Suplentes: Wanderlei P. de Oliveira, Antonio João de Souza, João Marcos Bart, todos do PT. — Do PPB: Isaltino Pedron, Luiz Ayr S. da Silva, Maria Zimdars. Do PFL: Caleb Zaniz, Leoberto V. Cristelli, Jean J. Kuhlmann. Do PTB: Braz de Jesus, Marco A. Zimmermann e José Waidgenant. Do PSB: Erno Bublitz, Valdair J. Matias e Ambrozio Lenzi. Do PMDB: Luiz C.M. de Maia, Farley dos Santos e Ivonete T. de Castro.

SÍLVIO MEIRA EM SANTA CATARINA

Conheci Sílvio Meira, a quem fui apresentado por Joaquim Inojosa, numa reunião do «Sabadoyle», no Rio de Janeiro. Desde então começamos uma troca de cartas e livros que durou até sua morte, no final de 1995, e eu me tornei leitor constante de sua obra, admirando sempre a vastidão de seus conhecimentos jurídicos, literários e linguísticos. Tanto li o que ele produziu que acabei escrevendo vários ensaios a respeito, depois reunidos numa plaqueta, publicada em 1989, e que o deixou muito satisfeito, ainda mais porque nunca toquei no assunto, apanhando-o de surpresa. Mais tarde, ao publicar sua biografia de Clóvis Beviláqua, teve a generosidade de me colocar entre as pessoas a quem foi o livro dedicado («Clóvis Beviláqua — Sua Vida. Sua Obra.», Fortaleza, UFC, 1990).

Sílvio Meira sempre manifestou o desejo de visitar Santa Catarina, embora a oportunidade tardasse. Quando eu ainda exercia a Promotoria em Blumenau ele estudava a hipótese de promover uma grande ação judicial no foro de Joinville e me pediu algumas informações que obtive com facilidade através dos colegas daquela comarca. Mas, como os elementos eram insuficientes para a causa, ele desistiu e sua vinda ao Estado gorou.

Convidado pelo falecido governador Pedro Ivo, assumi o cargo de Secretário Adjunto da Justiça e me transferi para Florianópolis. E lá estava eu, envolvido nos problemas da Secretaria, quando Sílvio me telefonou, comunicando que faria três palestras na UFSC e que gostaria de conhecer o Vale do Itajaí, em especial a cidade de Pomerode, pela qual sentia particular curiosidade em virtude de sua dedicação à literatura e à língua alemãs.

Na companhia de vários amigos que carreguei comigo, assisti às palestras, admirando mais uma vez a cultura do palestrante e aprendendo sempre. Numa noite muito clara e agradável fizemos um passeio pela Ilha-Capital e seus arredores, ocasião em que ficou entusiasmado com a sua beleza. No dia seguinte, muito cedo, rumamos para Pomerode.

Nessa pequena cidade-jardim, fundada pelos pomeranos, tudo foi objeto de seu interesse. As casas em estilo enxaimel ou mansardas, as flores e a exuberante vegetação, os riachos, as louças, os costumes, as comidas típicas, nada lhe escapou. Os moradores se espantavam com seus conhecimentos de tudo, com as observações que fazia, inclusive as alterações e corruptelas sofridas pelo alemão que falavam. Percorremos também a zona rural mais típica e, quando partimos de retorno, ele não escondia o prazer de ter encontrado no Brasil uma cidade tão semelhante às suas mais características congêneres germânicas. Concordou em que Pomerode era mesmo a mais alemã das cida-

des brasileiras, como ela própria se designa. Na passagem por Blumenau visitamos a Câmara Municipal, onde foi recebido pelo Diretor e entrevistado pela imprensa e televisão.

Chegando em Florianópolis, já tarde da noite, ele ainda me ofereceu uma marinha de sua autoria, pintada no hotel, retratando a nossa Beira-Mar. Foi ali que vi pela última vez o grande professor, jurista, escritor, tradutor e romancista cuja ausência empobrece a cultura do País e me faz muita falta.

HOLDEMAR MENEZES

Faleceu no final de agosto o escritor Holdemar Oliveira de Menezes (1921-1996), uma das mais versáteis expressões de nossas letras. Nascido no Ceará, mas radicado em Santa Catarina desde 1950, exerceu a medicina em São Francisco do Sul e depois em Florianópolis. Foi professor universitário e exerceu outras funções públicas, embora a literatura fosse sua paixão maior. Romancista, cronista, ensaísta, em todos esses gêneros publicou obras de destaque. O livro de contos «A Coleira de Peggy» lhe valeu o Prêmio Jabuti de 1972 e o romance «Os Residentes» e os ensaios de «Kafka, o Outro» obtiveram grande sucesso e repercussão entre suas múltiplas obras. Dono de um estilo enxuto, aliado a uma linguagem direta, às vezes crua, seus textos provocaram grande impacto, em especial certos contos e passagens do romance já referidos. Leitor devoto de Camus, não é difícil encontrar traços de influência do autor de «A Peste» em sua obra, sendo mesmo considerado pela crítica um camusiano. Pessimista, seus trabalhos retratam com fidelidade as situações absurdas da vida, por ele captadas com atenção, aliviados sempre por leve dosagem de ironia. Grande conservador, sua prosa era amena e bem humorada. Nos meus tempos de Secretário Adjunto da Justiça recebi muitas vezes a sua visita para um papo, no final do expediente. Numa delas eu o convenci a retornar ao serviço público, do qual se afastara há muitos anos, para integrar o Conselho Penitenciário, função que já exercera antes. Ainda que relutante, talvez para não contrariar o amigo, ele aceitou, logo se destacando como conselheiro atuante e competente. Meses depois decidi deixar o cargo, enquanto que ele permanecia no Conselho. No primeiro encontro depois de minha saída, naquele seu jeito calmo, ele se queixou: «Você me tirou o sossego e depois foi embora, deixando-me às voltas com aquela infinidade de processos para examinar...»

Grande Holdemar! Todos sentimos a sua ausência.

LIVROS NOVOS

Três lançamentos merecem atenção no período: «Rumor de Folhas», de Silveira de Souza, publicado pela Bernúncia Editora, de Florianópolis. Coletânea de poemas que revelam a criatividade e a versatilidade do autor, contista e ensaísta reconhecido, e que agora se firma como grande poeta. *** «As Flores que o Chapadão Não Deu», de David Gonçalves, que agora parece em sua sexta edição, e que revela

a aceitação do livro e constitui um caso raro em nossas letras. *** «Crimes Hediondos», de João José Leal, publicado pela Editora Atlas, de São Paulo. Com esse ensaio sobre os aspectos político-jurídicos da lei que trata do assunto, o jurista conterrâneo se firma como um autor de renome nacional. Meu colega de Ministério Público, ex-procurador-geral de Justiça, professor e diretor da Faculdade de Direito da FURB, Leal é um respeitável conhecedor do Direito Penal e ciências afins.

Evolução histórica do Município de José Boiteux/SC

Uma contribuição para o centenário da colonização do Vale do Rio Itajaí do Norte pela Sociedade Colonizadora Hanseática (1897-1997)

(Conclusão)

A solicitação do plebiscito foi acatada pela Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, que remeteu parecer favorável a criação da nova comuna, solicitando ao Tribunal Regional Eleitoral/Subsecretaria de Controle Geral de Eleitores a relação com o número de eleitores aptos à votar. Assim procedeu-se ao plebiscito no distrito. Este Tribunal emitiu resultado final do plebiscito no dia 27 de outubro de 1987 com o seguinte resultado: o colégio eleitoral total de 2.526 eleitores, destes 1.714 compareceram ao plebiscito, 1.552 votos favoráveis, 112 contrários, 19 em brancos e 31 nulos, conforme dados coletados no Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina/TRE-SC.

Mesmo reconhecidos os anseios emancipacionistas da comunidade Joseboitense em 27.10.1987, somente com a Lei nº. 7.580, de 26 de abril de 1989, criou-se o Município de José Boiteux, tendo como Governador do Estado de Santa Catarina (em exercício) o Senhor Casildo Maldaner.

Os fatores que marcaram a emancipação, ou seja, o engajamento da população, é o fato que Ibirama não oportuniza um crescimento maior para atender as necessidades cada vez mais emergentes, da comunidade de José Boiteux, que até então estava amarrada à burocracia de Ibirama.

A emancipação política fez com que a população de José Boiteux soubesse que é mais um município do nosso Estado lutando por melhores condições de vida para sua população, lutando por melhores condições de ensino, transporte, cultura, saúde, educação, como qualquer outra cidade; em suma, trouxe novas perspectivas de trabalhar, de crescer e de investir.

Com a emancipação surgiram os líderes para a estruturação político-administrativa de José Boiteux. A primeira eleição para prefeito ocorreu no dia 15 de novembro de 1989, dois candidatos concorreram à prefeitura, Pedro Gonçalves (PDS) e Augustinho Fusinato (PMDB) que foi eleito com 1.338 votos contra os 1.277 votos conquistados pelo outro candidato. Ao todo foram 3.117 eleitores distribuídos em 12 seções eleitorais, com quatro urnas no centro da cidade (Escola Básica José Clemente Pereira) e o restante dividido nas localidades do interior (Barra do Rio Dollmann, Ribeirão Grisebach, Barra da Anta e Alto Rio Wiegand).

A surpresa na primeira eleição de José Boiteux ficou por conta da vitória do índio pedessista Elpídio Prípra, que defendia os interesses dos 1.500 índios da Reserva Duque de Caxias, eles representam aproximadamente 50% do eleitorado.

A primeira administração teve início problemático, uma vez que a prefeitura de Ibirama recusara a entregar o maquinário composto de patrulas e cambas para a macadamização das estradas. Ibirama exigia que José Boiteux conservasse os 40 funcionários da administração, a mesma pretendia um funcionalismo de 30 cargos.

José Boiteux concretizou sua emancipação político-administrativa em 1989, mas a luta iniciou na década de 50; mais exatamente em 1958, precisamos reconstruir esses momentos da luta joserboiteense, pois eles deram vulto e contribuição para a história evolutiva desta comunidade.

1958: A PRIMEIRA EMANCIPAÇÃO: a frustração de perder a autonomia.

Justificamos que cada momento que tomamos conhecimento de fatos importantes do passado conseguimos melhor entender o nosso presente; ao fazermos essa viagem na investigação do passado nos defrontamos com um presente de dificuldades, lutas, opressões, determinação e muito trabalho na busca de desenvolvimento econômico e sócio-cultural, onde nada pode ser desprezado.

Neste contexto, como poderíamos explicar a "derrubada" da primeira emancipação de José Boiteux em 1958? Provavelmente, no sistema político, focalizado na cidade mãe (Ibirama), pois suas atividades políticas imperraram o desenvolvimento de uma consciência municipal de autodeterminação da população de José Boiteux, fazendo com que a mesma mantivesse atrelada a Ibirama até 1989, 30 anos depois de conseguir sua primeira emancipação.

Os fatos que registram a luta de José Boiteux pela emancipação em 1958, estão principalmente, contidos na memória dos cidadãos que viveram aquele momento histórico e os jornais que publicaram diversos momentos desse episódio,

dentre eles, destacamos o Jornal de Ibirama, que deu relevante atenção aos fatos.

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, promulgou a Lei 380 de 19 de dezembro de 1958, que foi publicada no Diário Oficial do Estado em 29 de dezembro de 1958; exercia o cargo de Presidente da Assembléia o Sr. José de Miranda Ramos.

Segundo relato da época, a população de José Boiteux estava dividida quanto a emancipação do distrito, o projeto de desmembramento teve a entrada protelada por duas vezes no legislativo de Ibirama, para que se pudesse consultar as pretensões da população. Chegaram a enviar uma comissão especial de vereadores, que se reuniram com as pessoas mais influentes, afim de expor a situação em que ficaria o novo município.

Apenas um vereador se fez ouvir o pensamento daquela população. O projeto de emancipação caminhou sem qualquer objeção e foi finalmente aprovado pela maioria da Câmara de Vereadores; em seguida foi enviada a Assembléia Legislativa permanecendo por trinta dias em discussão, sendo finalmente aprovada no dia 19 de dezembro de 1958.

O fato mais interessante é que após consumada a batalha pela emancipação, é que se formaram movimentos em diversas localidades de José Boiteux, protestando contra a criação prematura do novo município.

"Se o movimento tivesse surgido de início, seria facilmente contornada a situação pela interferência política junto aos partidos e respectivas bancadas na Assembléia, mas no pé em que se encontra; o único recurso é apelar para as medidas judiciais; que poderão ser inteladas por qualquer interessado." (9)

Podemos observar uma controvérsia na primeira emancipação, ao observar-

9 — Jornal de Ibirama, nº. 316, 03 de janeiro de 1959. p. 08.

mos que, enquanto uma minoria conseguiu levar o projeto emancipacionista adiante, somente após conseguida a mesma, é que vários setores da vida política começaram a demonstrar contrariedade com o mesmo.

Desconsiderando a parcela da população que se mostrava contrária a emancipação, o município de José Boiteux foi instalado no dia 25 de janeiro de 1959, em cumprimento a às atribuições do Governador Heriberto Hülse, que também nomeou o Prefeito Provisório, Sr. Celestino Meneghelli, que era encarregado do posto de arrecadação estadual no distrito.

As solenidades de instalação do novo município ocorreram às 13:30h no edifício da Intendência Distrital, sendo presidida pelo MM. Juiz de Direito da Comarca de Ibirama, Dr. Maximiliano Teodoro Morgensteru, que também empossou o primeiro prefeito provisório.

Foi uma tarde de muitos discursos, como sempre ocorre na instalação de um novo município, fizeram uso da palavra, além do Dr. Maximiliano Teodoro Morgensteru, o representante do Governador, Sr. Cláudio Dutra e o prefeito empossado.

“Ao ato compareceu grande número de pessoas amigas do município de José Boiteux; destacando-se a presença do Dr. Aloysio de Almeida Gonçalves, Promotor Público da Comarca, Sr. Arno Wloch, Sr. Francisco Serofini, gerente da agência do Banco de Ibirama, Sr. Leopoldo Pellin, escrivão do civil e crime desta comarca; o Sr. Guido Koepsu, escrivão distrital, os senhores Domingos Manoel dos Santos e Oscar Kretrshmos, vereador à Câmara de Ibirama, o Sr. João Bonelli, agente do Banco INCO daquela cidade e acrescido número de populares.”
(10)

A vida política de José Boiteux começou a tomar forma, as primeiras atribuições do prefeito empossado foi a de distribuir aviso, que fixava a época do pagamento dos impostos, dando assim meios a prefeitura para atender os seus encargos com a manutenção e conservação das estradas e o pagamento dos professores que estavam atrasados, sendo que este ainda era um encargo da Prefeitura de Ibirama; a mesma procedeu um empréstimo junto aos bancos de Ibirama, e os professores poderão receber os salários atrasados de 1958 e janeiro de 1959, com o ex-intendente distrital, Sr. Domingos Manoel dos Santos.

O cargo de Delegado de Polícia do município de José Boiteux foi exercido pelo Sr. Norberto do Nascimento, que foi nomeado pelo Governador do Estado.

A União Democrática Nacional/UDN de José Boiteux, fez a primeira distribuição de convocação de eleição do diretório municipal:

“CONVOCAÇÃO

Pelo presente, na forma dos estatutos partidários, fica convocada a convenção municipal de José Boiteux da União Democrática Nacional, para eleição do Diretório Municipal, para se reunir no próximo dia 1º. de março de 1959, às 10 horas no Salão Mazzini.

José Boiteux, em 06.02.59.

João Bonelli — Presidente do subdiretório.” (11)

Enquanto isso, na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina deu entrada em 16 de março de 1959 o pedido para anulação da Lei 380, de 19 de dezembro de 1958, que criou os municípios de Arroio Trinta, Armazém, Siderópolis e José Boiteux, encaminhado pelo Dr. Carlos Medeiros da Silva, Procurador Geral da República.

Foi dado a Assembléia Legislativa um prazo de quarenta e cinco dias para

10 — Jornal de Ibirama, nº. 320, 31 de janeiro de 1959, p. 07.

11 — Panfleto distribuído em José Boiteux, em fevereiro de 1959.

prestar as informações solicitadas pelo procurador.

Esta atitude provocou indignação na comunidade de José Boiteux, uma vez que o procurador não pediu a anulação dos Municípios de Pomerode e Lebon Régis que também foram criados pela Lei nº. 380, pois, assim como José Boiteux, eles não satisfaziam as exigências constitucionais da época.

No meio político de José Boiteux, o recurso apresentado à Assembléia Legislativa contra a permanência do município não passava de expediente político, principalmente de Ibirama.

Em 03 de junho de 1959, José Boiteux recebeu a visita do Senador Irineu Bornhausen, que foi festivamente recepcionado pelos correligionários. Neste mesmo dia, visitou a cidade o Diretor de Obras Públicas do Estado, engenheiro Otto Entres, afim de tomar conhecimento das necessidades no setor de obras, este manteve contato com os senhores Celestino Meneghelli, João Tomelim, Guido Koepsel e outros representantes da comunidade.

Nesta visita foram providenciadas a construção da Escola do Salto Dollmann e a reconstrução da Escola do Rio Scharlach. O engenheiro visitou, ainda, o Grupo Escolar de José Boiteux, e determinou a reforma do mesmo.

Em julho de 1959, PSD escolheu em convenção municipal o nome Antônio Darolt para concorrer à prefeito na eleição de agosto; esta que seria a primeira eleição de José Boiteux. A UDN por sua vez, indicou Germano Selbmann, que era industrial no município.

“O candidato apresentado pela UDN tem todas as qualidades de levar o município de José Boiteux; e acima de ser um candidato partidário, é o candidato do povo, estamos mesmo certos, receberá a adesão de várias personalidades que integram outras facções partidárias, tornando-se as-

sim um candidato ideal e de antemão vitorioso.” (12)

Naquele momento, José Boiteux já era vista como cidade, realmente, tudo parecia caminhar dentro das normas e daquilo que se esperava, e nada poderia atrapalhar sua vida política, tanto que, em 30 de agosto de 1959, três partidos lançaram seus candidatos a Prefeitura e à composição da nova Câmara de Vereadores: **UDN**, Germano Selbmann; **PSD**, Antônio Darolt; **PTB**, Oscar Kretzchmar, e os seguinte candidatos a vereância: **UDN**, Celestino Meneghelli, Rudolfo Weise, Arsenio Adriano de Oliveira, Antônio Polidoro, Willy Marchata Filho, Leandro Meneghelli, João Pawluck, João Maltezo e Paulo Juraszek; **PSD**, Vitorino Bonetti, Amadeu Darout, Celso dos Santos, Ingo Weidmann, Eduardo Fossa, José Moretti, Olídio Vicenti, Estanislau Kaleski e Lúcio Eduardo Bitencurt; **PTB**, Domingos Manoel dos Santos, Romão Gonçalves, Idalino Bertelli, Francisco Riscarolli, Paulo Domingos Cardoso, Hercílio Habold, José Vatroz e Manoel Borges Filho.

Podemos afirmar que, toda a composição política de José Boiteux já estava montada e estruturada, portanto, preparada para o pleito eleitoral de 30 de agosto de 1959; mas em sessão realizada no dia 14 de agosto, o Supremo Tribunal Federal, considerou inconstitucional a Lei 380, de 19 de dezembro de 1958, na parte que criou o município de José Boiteux, desmembrado do município de Ibirama.

De todos os municípios criados com a referida lei, apenas foram anulados os municípios de São João (Sombrio), Meleiro (Turvo) e José Boiteux (Ibirama).

A Constituição de Santa Catarina, dava na época as condições essenciais para a criação de novos municípios à população mínima de 20.000 habitantes e uma renda anual de Cr\$ 300.000,00 (valores da época).

Após ter anulada sua autonomia política em 1959, pelas leis vigentes à época, apenas poderia se emancipar em 1963, uma vez que a emenda constitucional do Deputado Algostinho Mignoni propunha que só poderiam criar novos municípios em anos terminados em três e em oito.

Destacamos o telegrama recebido pelo Presidente da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Ministro Presidente Orozimbo Nonato:

**"Dep. Braz Joaquim Alves
Presidente da Assembléia Legislativa de Santa Catarina: Em atenção ao telegrama de 22 do corrente vg tenho a honra de comunicar vossencia conforme informação prestada pela secretaria desse tribunal vg que**

**em sessão realizada em 14 do corrente vg foi julgada inconstitucional a Lei 380vg de 19 de dezembro de 1958vg que cria o município de José Boiteux com terras desmembradas do município de Ibirama pt Saudações pt
Ministro Orozimbo Nonato vg
Presidente do Supremo Tribunal Federal pt" (13)**

A inconstitucionalidade da lei que criou o município de José Boiteux, caiu como uma "bomba" nos meios políticos do distrito, a cidade não se emancipou em 1963 e nem nos anos seguintes, por trinta anos, até a definitiva emancipação em 1989, a cidade manteve atrelada a política de Ibirama. Não cabe aqui, buscar explicações para esses anos de acomodação política, sabemos que os fatores são muitos.

13 — Jornal de Ibirama, s/nº., 12 de setembro de 1959. p. 04.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

- Atlas de Santa Catarina.** Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro. 1986.
- CABRAL, Osvaldo R. **História de Santa Catarina** Rio de Janeiro: Laudes. 2ª. ed. revista e atualizada. 1970.
- ENTRES, Gottfried. **Livros de Recordação para o Centenário da Imigração Alemã para Santa Catarina** Livraria Central de Alberto Entres & Irmãos. (s.d.).
- FRAGA, Nilson Cesar, SANTOS, Maurício Aurélio dos. **"OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA" — Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no município de José Boiteux/SC (1970-1990)** In: IV Jornada de Pesquisa da UDESC, 1995. Anais... Florianópolis: IOESC, 1995. p. 104.
- FRAGA, Nilson Cesar. **"OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA" — Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no município de José Boiteux/SC (1974-1992).** In: 3ª. Reunião Especial, Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência/SBPC, 1996. Anais... Florianópolis: EDEME, 1996. p. 348.
- Jornal de Ibirama**, nº. 316, 03 de janeiro de 1959. p. 08.
- Jornal de Ibirama**, nº. 320, 31 de janeiro de 1959. p. 07.
- Jornal de Ibirama**, nº. 342, 18 de julho de 1959. p. 08.
- Jornal de Ibirama**, s/nº., 12 de setembro de 1959. p. 04.
- KLAUS, Richter. **A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização no interior de Joinville e Blumenau.** Florianópolis: UFSC; Blumenau: FURB, 1992. 100 p. 2 ed.
- MEIRINHO, Jali, JAMUNDA, Theobaldo Costa. **Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina.** Florianópolis: EDEME, p. 68-71. vol. 1.
- PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. **Aspectos geográficos de Santa Catarina.** Florianópolis: FCC Ed. da UFSC, 1991.
- SILVA, Zedar Perfeito. **O Vale do Itajaí: Documentário da Vida Rural nº. 6.** Ministério da Agricultura — Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro. 1954.
- SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e Urbanização.** São Paulo: Contexto. 5ª ed. 1994.

ARQUIVOS :

1. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.
2. Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva (Fundação Cultural de Blumenau).

Jornais do meu tempo (4)

Gervásio Tessaleno Luz

Nesta série de artiguetes, escrevemos sobre os jornalões da cidade: a própria «A Cidade», «A Nação» e poucas linhas sobre o hoje atuante «Santa». Sobre «A Cidade de Blumenau» um arremate: passaram por sua redação n «estrangeiros»: Tito Carvalho, futuro escritor, Hermínio Menezes Filho, do time do «pasquim» «A Verdade», do Manoel de Menezes, pai do Cacau, Jayme de Arruda Ramos, tio do cronista da moda do «Diário Catarinense», Sérgio da Costa Ramos e outros. Todos estrangeiros, mas gente que se marcou aqui, funcionários públicos transferidos mais tarde para a Ilha dos casos e ocasos raros.

«A Cidade» enfrentava «A Nação», do Dr. Assis, dos Associados, fazendo o jogo dos poderosos, PSD. A família dos Balsini queimava incenso para a UDN. Eterna vigilante... Defrontava-se, duela-va-se com o pessedismo dum Nereu, doutor como outros também Ramos. Depois de impor-se como rainha caiu à princesa, como em concurso de miss. Os empresários daqui não quiseram comprá-la. Caiu nas mãos de «A Notícia», de Joinville (hoje, indiscutivelmente, o melhor jornal de Santa Catarina). Ficou com uma página intitulada «Cidade de Blumenau» (no momento, corre a notícia de que «A Notícia», a exemplo de Florianópolis — «AN Capital» — lançará «AN Blumenau», talvez ainda em dezembro, como presente à nossa comunidade. «A Cidade», de uma folha só, unia de mãos juntas, mas juras separadas, Paulo Jacques, Luís Antônio Soares, Horácio Antônio Bra-

un, Lauro Lara, este fazendo quase sempre as vezes de Neuzinha Manzke e outros...

Morte final: ressuscitada, em incipiente off-set, com um carioca a comandá-la, Flávio Leme, inda mantinha um time de primeira: Carlos de Freitas, Celso Machado, Geraldo Luz, Horácio Braun...

Mas seu timoneiro-mor chamava-se Achilles Balsini que, apesar do prenome, impediu sempre que alguém o atingisse no calcanhar.

A irreverência está marcando um cadinho (bastante) os nossos textos. Mas a imprensa é assim. Irreverente e muito mais. Assim, vamos abordar os pequenos jornais, os nanicos, alternativos, deste modo:

Todos tinham um genuíno e puro sabor local. Uns mais aguerridos, outros em estado de amenidade. Na década de 60, causaram tremeliques nas autoridades políticas e sociais dois semanários: «Ronda» e «Vanguarda». Ambos tiveram a capitaneá-los Nagib Barbieri, diretor e proprietário, e Paulo Jacques, redator-chefe, uma das penas mais ferinas com passagem por aqui. Paulo, embora carioca, cedo mergulhou profundo na alma blumenauense. «Ronda» mantinha uma coluna, na capa, «Ronda Militar. O que não lhe garantiu direito a salvo-conduto. Certa feita, malhou um engenheiro. Este pediu socorro a um general, seu parente. Não deu outra: os milicos espastelaram o jornal. Tempos depois, surge «A Vanguarda», mantendo a mesma linha do anterior, pauladas de levar a nocaute qualquer cida-

dão que ficasse na mira deles. Os dois semanários abrigaram-se num prediozinho de tijolos à vista, entre o bar da frau Holetz e o prédio dos Correios, hoje um banco (BCN), em frente aos finados cinemas Busch.

Um exemplo de manchete: «Industrial é visto em frente a banco da rua 15, entregando cheque ao PTB». O empresário em questão, talvez o maior, simplesmente tentava o apoio do partido fundado por

Getúlio ao seu candidato udenista à prefeitura. Coisa assim.

O estranho é que mal saía a edição da Alameda Rio Branco e atingia o ninho de divulgações e vendas, a banca do «Mirozinho» e da dona Nica, ao lado de «A Barateira», esgotava-se em questão de horas.

O povo-leitor queria fofoca pra valer. E a encontrava, em doses cavalares, neles.

FIGURA DO PASSADO

O sargento-mor José de Oliveira Borges

Antônio Roberto Nascimento

O Sargento-Mor José de Oliveira Borges, natural de São Francisco do Sul, onde nasceu em data ignorada, era filho do Capitão Manoel Gomes Galhardo, também natural da primeira póvoa catarinense, ao que supomos, e de sua segunda mulher Leonor Lemes de Cerqueira, morta aos 22.11.1793 (1), já viúva dele, talvez ligada às homônimas vicentinas (2). Em seu testamento, parcialmente transcrito no orbituário sobredito, pediu ela que "seu corpo fosse envolto em hábito de São Francisco" (ipsis litteris).

Ocorre que, aos 6.8.1795 (3), lavrou-se obituário de outra ou a mesma? — Leonor Lemes Cerqueira — "Serqueira", com "s" —, viúva com 100 anos "pouco mais ou menos", pedindo fosse "seu corpo envolto no hábito de São Francisco e fosse sepultada na Capela de São José, na mes-

ma sepultura em que fora sepultada sua filha Antônia, se houvesse lembrança dela, aliás em outra qualquer" (sic). Pediu, outrossim, "fosse acompanhada por todos os sacerdotes, os quais diriam missa de corpo presente, e seria acompanhada por todas as cruzeiras das irmandades desta freguesia" — eram: a do Santíssimo Sacramento, fundada de roda de 1754 (4), a de Nossa Senhora da Graça e a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, sendo que a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência foi reorganizada em 1823, com encargo de anexarem um hospital (5) —, e deixava por sua alma duas capelas de missas mais 12\$000 réis para ornato da Irmandade de N. S^a. da Graça, no seu altar, mais 6\$500 réis para o glorioso Patriarca São Francisco, 4\$000 réis para o Senhor Bom Jesus e, de esmola, a Maria

1 — V. 1^o. livro de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça do Rio de São Francisco do Sul, composto de folhas avulsas restauradas.

2 — Cf. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME, *Nobiliarquia Paulistana*, Histórica e Genealógica, t. III, EDUSP e Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1980, 5^a. ed., Col. "Reconquista do Brasil", V. 7, p. 185.

3 — V. livros de óbitos cit.

4 — Cf. CARLOS DA COSTA PEREIRA, *História de São Francisco do Sul*, Florianópolis, 1984, Ed. da UFSC, p. 126.

5 — Ob. cit., p. 132.

Ribeiro e a Maria Francisca "a cada uma 2\$000 réis e à sua comadre Maria Alves mais 4\$000 réis. A seu filho o Sargento-Mor José de Oliveira Borges deixou 30\$000 réis e, outrossim, "que se voltasse para a Capela de São José a imagem de São Benedito, que se deve por ornato de seu altar 2\$560 réis" e que "se mandasse dizer três missas ao Santo Anjo de sua guarda e mais três à Santa de seu nome", instituiu-se por seus testamenteiros seus filhos José de Oliveira Borges, Antônio de Oliveira Borges e João de Oliveira, que seriam também seus herdeiros legítimos, "a fim de sua fazenda com a do remanesciente de sua terça". O termo é assinado pelo Vigário Bento Gonçalves Cordeiro (6).

Ambas as Leonoras Lemes Cerqueiras seriam a mesma pessoa? Não logramos descobrir, mas é deveras estranho duas homônimas praticamente coevas. Demais disso, como encontramos obituários de uma só pessoa duplamente assentados, a par com batizados no impróprio livro de óbitos, que, em boa verdade, não é o primeiro livro, senão uma reunião de folhas avulsas encontradas, desde 1783 até 1802, cujos termos são firmados por diversos padres — Bento Barbosa de Sá Freire (7), à volta de 1785, Teodoro José de Freitas Castro (8), em 1790, e Bento Gonçalves Cordeiro (9) —, somos inclinados a aceitar a possibilidade de registros duplicados.

Veja-se, outrossim, que aos 27.10.1785, foi sepultada, na Capela de São José (10), Antônia Lemes de Oliveira, com 50 anos

de idade, ao que parece solteirona, filha de D. Leonor Lemes Cerqueira, que seria a filha mencionada no testamento de sua mãe (v. supra), parcialmente transcrito no assento de óbito, em cujo túmulo ela também quis ser enterrada, "se houvesse lembrança" do local.

Em SILVA LEME (11), outrossim, não logramos identificar essa D. Leonor Lemes Cerqueira, morta em São Francisco do Sul, nem a outra homônima, caso fossem duas a desse nome. A hipótese que nos pareceu mais plausível foi a de que seria filha de Ana Borges Pereira, casada com José Valente, filha de Catarina Borges de Cerqueira morta em 1727 e neta de Simão Borges de Cerqueira, casado com Isabel da Costa Tavares nomeadamente por Simão ser mano inteiro de Isabel, casado com Tavares de Miranda.

O Capitão Manoel Gomes Galhardo, em 1789 (12), obteve sesmaria "nas Cabeceiras do Rio Areias na terra firme do Distrito da Ilha de Santa Catarina" (*ipsis literis*), onde, no envolver do processo de reivindicação, certificou-se que ele era "das principais famílias desta Vila de São Francisco" (*sic*). Aos 9.9.1722 (13), figura como arrematante do "contrato de bebidas", tendo sido juiz ordinário em 1732 (14). Um Francisco Gomes Galhardo, casado com Ana Vieira, adquiriu de João Dias de Arzão (15) o sítio ou fazenda na "Barra Grande", e, posteriormente, vendeu dita propriedade a Francisco Dias Bello, já natural de São Francisco do Sul e filho de Christóvão Dias Belo, nascido na Grã-

6 — 1º. livro de óbitos da Matriz cit.

7 — Cf. A.R. NASCIMENTO, **O Padre Bento Barbosa de Sá Freire**, in Blumenau em Cadernos, t. XXXII, junho de 1991, n. 6, p. 183.

8 — Ainda não registrado como padre de São Francisco do Sul (N. do A.).

9 — Cf. DAVID CARNEIRO, **Galeria de Ontem e de Hoje**, Ed. Vanguarda, Curitiba, 1963, p. 307.

10 — V. 1º. livro de óbitos cit.

11 — Cf. LUIZ GONZAGA DA SILVA LEME, **Genealogia Paulistana**, São Paulo, Ed. Duprat & Cia., 1ª. ed., Tít. "Borges de Cerqueira", V. 3º., 1904, pp 511 e ss., V. 7º., 1905, p. 174, V. 9º., 1905, Tít. "Dultras Machados", p. 43 etc.

12 — Arquivo Histórico de Joinville, maço de sesmarias.

13 — Cf. COSTA PEREIRA, História cit., p. 79.

14 — Ob. cit., p. 97.

15 — Cf. LUCAS A. BOITEUX, **Os Primeiros Moradores do Itajaí, Os "Arzão"**, na Rev. Blumenau em Cadernos, t. I, nº. 3, jan. de 1958, p. 47.

Canária, que teria sido o tronco dos Belos francisquenses (16).

A primeira mulher do Capitão Manoel Gomes Galhardo foi Vicência de Oliveira, segundo se vê no batismo de seu neto José, aos 17 de agosto de 1800 (17), filho do Alferes José Gomes de Oliveira, filho, à sua vez, do sobredito Galhardo e dessa primeira mulher, bem como do Sargento-Mor José Miranda de Coutinho (18) e de sua primeira mulher Ana Fernandes da Silva, esta francisquense, filha do Capitão-Mor Francisco Fernandes Dias Sênior — não usava o agnome —, natural de São Francisco do Sul, e de sua mulher Ana Silveira de Miranda, natural de Paranaguá, a exemplo do dito Sargento-Mor José de Miranda Coutinho, que, em segundas núpcias, foi casado Clara Maria de Jesus, francisquense, com descendência de ambos os leitos (19).

O Capitão Manoel Gomes Galhardo, que foi parceiro de João Tavares de Miranda, em 1734 (20), quando era juiz ordinário da Vila de N. S. da Graça do Rio de São Francisco do Sul, teve, seu primeiro leito, pelo que logramos apurar, o filho único Alferes José Gomes de Oliveira, tronco dos Gomes de Oliveira francisquenses e joinvilenses, também casado duas vezes, a primeira com Bárbara Pereira e a segunda com Isabel Antônia de Miranda, filha do Sargento-Mor José de Mi-

randa Coutinho.

O Sargento-Mor José de Miranda Coutinho era filho do Capitão Miguel de Miranda Coutinho, natural de Paranaguá, ao que supomos (21), e de Isabel da Silva Carvalho, "natural de São José da Curitiba" (22), neto paterno de Amaro de Miranda Coutinho, o velho (23), natural do Rio de Janeiro, onde foi batizado aos 8.9.1675, e de Ana de Barros, moradora em Paranaguá (24), e materno dos curitibanos João Carvalho de Assunção, o velho, e de Maria Bueno da Rocha, esta filha de Manoel Bueno da Rocha e de sua segunda mulher Luiza Ignácia de Jesus. Sobre esse Amaro de Miranda Coutinho, o velho, há bibliografia esclarecedora (25). Teve filho de igual nome, ou neto, Amaro de Miranda Coutinho, o moço (26), casado com Margarida Tavares de Siqueira, morta em São Francisco do Sul, aos 7.9.1788 (27), ainda casada com o juiz ordinário e Capitão Amaro de Miranda Coutinho, **ab intestato**, deixando herdeiros forçados. Desse último casal, foi filha Ana Maria de Miranda, casada com Antônio de Oliveira Cercal vereador francisquense, filho de João de Oliveira Cercal e de Ana Vieira da Costa. O Sargento-Mor José de Miranda Coutinho, que lutou na Colônia do Sacramento contra os espanhóis, já viúvo de Ana Fernandes da Silva, passou a segundo leito com Clara Maria de Jesus,

16 — Cf. CARLOS DA COSTA PEREIRA, **Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa**, Florianópolis, 1982, Ed. da FCC, p. 45.

17 — V. Livro n.º. 5 de batismos da Matriz de N. S.ª. da Graça.

18 — Cf. A.R. NASCIMENTO, **Ainda sobre Médicos e Cirurgiões Francisquenses**, in Rev. do Inst. Hist. e Geog. de SC, 3ª. fase, n.º. 8, 1988-89, pp. 131 e ss.

19 — Cf. A.R. NASCIMENTO, **A Filha do Presidente Tovar e Albuquerque**, in Rev. Blumenau em Cadernos, t. XXIX, n.º. 10, out/88, p. 289.

20 — Cf. COSTA PEREIRA, Hist. cit., p. 92.

21 — Cf. FRANCISCO NEGRÃO, **Genealogia Paranaense**, V. 4.º., Curitiba, Ed. Imprensa Paranaense, 1928, p. 203.

22 — Livro n.º. 5 de batismos da Matriz de N. S.ª. da Graça, **passim**.

23 — Cf. CARLOS GRANDMASSON RHEINGANTZ, **Primeiras Famílias do Rio de Janeiro**, V. II, 1967, Rio de Janeiro, Col. "Vieira Fazenda", Ed. Brasileira, p. 605.

24 — Cf. SILVA LEME, Genealogia cit., 1904, V. 3.º., p. 204, Tít. "Prados".

25 — Cf. MARINA LOURDES RITTER, **As Sesmarias do Paraná no Século XVIII**, Curitiba, 1980, pp. 224, 225, 162, 163 e 199, e EGON E FRIEDA WOLFF, **Dicionário Biográfico de Judaizantes e Judeus no Brasil, 1500-1808**, Rio de Janeiro, 1986, Ed. dos AA pp. 51, 89 etc.

26 — Cf. COSTA PEREIRA, Hist. cit., p. 175.

27 — 1.º. livro de óbitos da Matriz de N. S.ª. da Graça cit.

francisquense, filha de Salvador Correia de Lemos, natural de Paranaguá, e de Maria Cardoso, francisquense, tendo descendência de ambos os leitos:

a) — do primeiro casamento, com Ana Fernandes da Silva:

1. — Maria Antônia de Miranda, mulher do Capitão Manoel Pereira da Costa;

2. — Isabel Antônia de Miranda, segunda mulher do Alferes José Gomes de Oliveira, ou José Gomes Galhardo (v. supra);

b) — do segundo leito, com Clara Maria de Jesus:

3. — Capitão José Antônio de Oliveira, casado com Ana do Bom Jesus, filha do Alferes José Gomes de Oliveira e da primeira mulher Bárbara Pereira;

4. — Antônia Clara da Silva, ao que supomos (28), casada com o vereador de 1827 (29) Manoel Machado Lima, natural de Paranaguá (30), filho de Agostinho Machado Lima, natural de Mogi das Cruzes (SP);

5. — Rita Clara de Miranda, mulher do Capitão Salvador Gomes de Oliveira (31);

6. — Tenente Manoel de Miranda Coutinho, que, viúvo de Ana Correia de Miranda, passou a segundo leito com Ana de Sousa Tavares, filha de Francisco José de Sousa, abastado fazendeiro do Saí, e de sua primeira mulher Tomásia Tavares de Miranda, esta descendente do Capitão-Mor Antônio Eugênio de Miranda Tavares

(32);

7. — Maria Rosa de Miranda, ainda na dúvida, mercê de existirem duas homônimas coevas, quando menos for;

8. — Antônio de Miranda Coutinho, "que faleceu de menor idade" (33);

9. — Cesário de Miranda Coutinho, casado com Ana Antônia da Silveira, filha do Alferes Manoel Fernandes Dias e de Maria Antônia Moreira;

10. — Alferes Agostinho de Miranda Coutinho, "morador nas Cabeceiras do Acarahy" (34), cujos bens foram inventariados em 1850 (35), por sua mulher Antônia Maria Fernandes, filha do Alferes Manoel Fernandes Dias (v. supra);

11. — Bento José de Miranda, casado com Ana Bueno da Rocha, viúva de Feliciano de Oliveira Falcão (36), com quem não teve filhos;

12. Francisco de Miranda Coutinho, referido no testamento de sua mãe;

13. — Margarida Rosa de Miranda, casado com o Capitão Domingos Correia (37);

14. — Maria Clara de Miranda, primeira mulher de Crisanto Fernandes Dias, filho do Alferes Manoel Fernandes Dias (v. supra);

15. — Águida Maria de Miranda, morta aos 19.2.1869 (38), com 70 anos de idade, de diarreia de sangue, já viúva de José Leandro Falcão, morador no Ubatuba, filho de João de Oliveira Falcão, vereador em 1781 (39), e de Bernarda de Castilhos,

28 — Poderia ser, outrossim, filha do primeiro leito (N. do A.).

29 — Arquivo da Câmara Municipal de São Francisco do Sul.

30 — Cf. A.R. NASCIMENTO, **Os Ervateiros de Joinville**, na Rev. Blumenau em Cadernos, t. XXIV, dez/93, nn. 11/12, p. 381.

31 — Cf. NASCIMENTO, *A Filha do Presidente Trovar...* cit.

32 — Cf. A.R. NASCIMENTO, **O Último Capitão-Mor de São Francisco do Sul**, na Rev. Blumenau em Cadernos, t. XXVII, dez/86, n. 12, p. 344.

33 — Arquivo judiciário de São Francisco do Sul, testamento de sua mãe, datado de 1836.

34 — Livro nº. 8 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

35 — Arq. jud. cit.

36 — Cf. NEGRÃO, *Genealogia cit.*, V. 4^o., p. 219.

37 — Cf. A.R. NASCIMENTO, **O Republicano Manoel Correia de Freitas**, na Rev. Blumenau em Cadernos, t. XXXIII, set/92, n. 9, p. 319.

38 — Livro nº. 8 de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça.

39 — Biblioteca Nacional, "**Rol das Pessoas q servem na República desta Vila do Rio de S. Francisco**", Cópia. 2p. CEHB, nº. 6.493, 9, 3, 24 nº. 7, Col. Martins, in *Anais da Biblioteca Nacional*, V. 98, 1978, Rio de Janeiro, p. 229.

das antigas famílias vicentinas que povoaram São Francisco do Sul;

16. — Ana Rufina de Oliveira, batizada aos 17.5.1800 (40) tendo por padrinhos o Alferes Manoel Pereira da Costa e sua mulher Maria Antônia de Miranda;

17. — Isabel Maria de Miranda, morta aos 7.7.1882 (41), de inflamação dos intestinos, com 55 anos de idade, moradora no Ubatuba, ainda casada com Pedro José da Costa, descendente do luso Antônio da Costa Cidral, o velho, natural da Vila do Conde, Província do Minho, que, após a morte dela, passou a segundo leito com Sebastiana Maria de Jesus, filha de Justino José da Silva e de Silvana Maria de Jesus, com descendência do primeiro leito;

18. — Rosa Miranda, ou Rosa Maria de Miranda, moradora em Guaratuba, onde foi casada com Manoel Vieira, natural de Paranaguá, com o qual teve a filha Maria Rita de Miranda casada, à sua vez, com Caetano José de Évora, natural da freguesia de São Francisco da Cidade de Évora, em Portugal, filho de Manoel Dias de Évora e de Mariana Joaquina, com expressiva descendência.

Não confundir o Alferes Agostinho de Miranda Coutinho, morador nas Cabeceiras no Rio Acaraí, com descendência, com o Capitão Agostinho de Miranda Coutinho, Comandante da 10ª. Companhia dos Quadros de Infantaria e Cavalaria Auxiliares em Santa Catarina, em 1789 (42), que era irmão inteiro do Capitão Amaro de Miranda Coutinho, o moço, Comandante da 3ª.

Cia. das Ordenanças de São Francisco do Sul, em 1789 (43), quando tinha 312 praças e 320 homens sob seu comando, ambos irmãos germanos do sobredito Sargento-Mor José de Miranda Coutinho (v. supra).

Desse modo, o Capitão Manoel Gomes Galhardo e sua segunda mulher Leonor Lemes Cerqueira, ou "de Serqueira", como também foi grafada, talvez vicentina, aparentada com os "Lemes" (44), aliados dos "Pires", em parte, na célebre luta com os "Camargos" (45), tiveram os seguintes filhos:

1. — Maria Lemes de Oliveira (v. supra);
2. — Antônio de Oliveira Borges;
3. — João de Oliveira Borges;
4. — Sargento-Mor José de Oliveira Borges.

Maria Lemes de Oliveira parece ter morrido solteirona, conforme já visto.

Antônio de Oliveira Borges, morto em 1º.4.1819, com cerca de 80 anos (46), foi casado com Apolônia da Silva, morta aos 19.5.1819, já viúva dele (47), com quem teve a seguinte descendência:

- 2.1. — Ana do Rosário;
- 2.2. — Maria de Oliveira Borges;
- 2.3. — João Batista de Oliveira.

Ana do Rosário foi casada com o demarcador de terras Francisco Rodrigues Bacellar, "natural da Cidade de Mariana, freguesia de N. Sª. da Conceição da Vila do Príncipe" (48), filho de Victorino Rodrigues e de Gertrudes de Almeida Bacellar, com quem teve os seguintes filhos:

40 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz de N. Sª. da Graça.

41 — Livro nº. 9 de óbitos da Matriz cit.

42 — Cf. OSWALDO RODRIGUES CABRAL, *As Defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil-Colônia*, 1972, Rio de Janeiro, p. 84, Ed. do D.I.N.

43 — Ob. cit., p. 96.

44 — Cf. ANTÔNIO PAES CINTRA, *A Origem dos "Lemes" de São Paulo, Indicações e Notas para um Estudo*, Rio de Janeiro, 1944, s. ed., passim.

45 — Cremos ter descoberto que o Cap. Antônio Bicudo Camacho, que veio repovoar a Ilha de Santa Catarina, logo após o insucesso de Francisco Dias Velho, fosse filho de Fernão de Camargo, o Tigre (N. do A.).

46 — 2º. livro de óbitos da Matriz de N. Sª. da Graça.

47 — id. ib.

48 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz cit.

2.1.1 — Manoel Joaquim Bacellar, na dúvida, natural da Bahia, cujos bens foram inventariados, em 1859 (49), por sua viúva Maria Cândida Bacellar, natural da freguesia do Ribeirão da Ilha de Santa Catarina, filha de Manoel José da Lapa e de Ana Maria de Sousa, sem descendência, cujos bens foram inventariados, em 1874, pelo Major Francisco da Costa Pereira (50). Dita Maria Cândida Bacellar morreu aos 25.3.1874 (51), de inflamação por dentro, com 68 anos, viúva de Manoel Joaquim Bacellar.

2.1.2. — Gertrudes Teresa de Jesus, morta aos 19.5.1881 (52), de febre nervosa, com a idade de 69 anos, moradora no Saí, batizada aos 3.5.1805 (53), com apenas seis dias, tendo por padrinhos "Antônio Gaveira de Miranda, contramestre do brigue BIZARRIA e Antônia da Silva, a avó materna" (sic). Ainda em solteira, Gertrudes Teresa teve o filho natural Victorino Francisco de Sousa Bacellar, grande propagador da República em Santa Catarina, sexto Prefeito de Joinville (54) e o primeiro de Mafra, onde faleceu aos 27.8.1820, motivo por que seu matrimônio, com o abastado fazendeiro Francisco José de Sousa, viúvo de sua primeira mulher, foi o único caso que encontramos fora do "casamento por ametade, segundo o costume do Reino de Portugal" (55), assim mesmo trasmudado em comunhão universal de todos os bens, mercê

da superveniência de filhos, que foram:

2.1.2.1. — Teresa Gertrudes de Sousa Lobo (56);

2.1.2.2. — Francisca Gertrudes de Sousa;

2.1.2.3. — João Francisco de Sousa;

2.1.2.4. — Francisco José de Sousa Júnior.

Esses Bacelares talvez fossem parentes de José Rodrigues Bacelar Capella, empregado da Mesa de Rendas em São Francisco do Sul, no ano de 1878, eleitor nº. 163, de roda de 1870 (57), do 4º. quarteirão, quando tinha 40 anos e era casado, já funcionário público morto em 1º. de março de 1889 (58), de enterite, com 70 anos de idade, ainda casado com Úrsula Maria de Freitas, que lhe deu, dentre outros, a filha Maria Benedita do Carmo, batizada aos 14.4.1850 (59), tendo por padrinhos Francisco da Costa Pereira, casado, e D. Maria Cândida Bacellar, casada, aos quatro de outubro de 1871 (60), com Antônio José de Miranda, natural da freguesia de São Luiz de Guaratuba, filho de Antônio Policarpo de Miranda e de Ana Maria da Graça. Seriam parentes, outrossim, de Manoel Joaquim Bacellar, morto na Cidade da Bahia (61), que teve, com Maria Orminda do Nascimento os filhos Quintino, Emilliano e Manoel.

Maria de Oliveira Borges foi casada com Francisco da Silva Regadas, natural do Rio de Janeiro, filho de Luiz da Silva

49 — Autos extraviados, relação de inventários processados na Comarca de São Francisco do Sul.

50 — Arq. judiciário de S. Francisco do Sul, ano de 1874.

51 — Livro nº. 8 de óbitos da Matriz cit.

52 — Livro nº. 9 de óbitos da Matriz de N.S^a. da Graça.

53 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz cit., fl. 282, verso.

54 — Cf. ELLY HERKENHOFF, **Joinville — Nossos Prefeitos**, p. 31, 1984, Ed. de Prefeitura Municipal de Joinville et alii, Joinville

55 — Arq. jud. de S. Francisco do Sul.

56 — Cf. JALI MEIRINHO/ELLY ERKENHOFF, **Dicionário Político Catarinense**, Florianópolis, 1985, W.F. PIAZZA (Org.), Ed. da Assembléia Legislativa do Estado de SC, pp. 305-306.

57 — Biblioteca Nacional, documento mencionado em Anais, V. 98, 1978, p. 258, nº. 334, Rio de Janeiro.

58 — Livro nº. 9 de óbitos da Matriz cit.

59 — Livro nº. 10 de batismos da Matriz cit.

60 — Livro nº. 8. de casamentos da Matriz cit.

61 — Arq. jud. de S. Francisco do Sul cit.

Regadas e de Ana Joaquina, com quem teve os seguintes filhos:

2.2.1. — Ana, batizada aos 2.8.1801 (62), nascida aos 24 de julho do mesmo ano, tendo por padrinhos Vicente Zuzarte Pinto, por procuração que apresentou o Sargento-Mor José de Oliveira Borges, e Francisca do Nascimento de Jesus;

2.2.2. — João Luiz de Oliveira, morador no Rossio Grande, onde era casado com Maria Antônia da Silva, filha de Antônio José da Silva e de Silvana Arins, neta paterna de José da Silva de Andrade, vereador em 1796, e de Bernarda Ribeiro Nunes, morta aos 29.6.1801 (63), com cerca de 60 anos, com quem teve o filho Francisco, batizado aos 13.2.1838 (64), tendo por padrinhos o Capitão Antônio Figueira Marques e Josefa Maria da Conceição, solteira; e o filho José Carlos de Oliveira, batizado aos sete de fevereiro de 1836 (65) e casado, aos 10.8.1861 (66), com Perpétua Maria da Graça, filha natural de Isabel Luiza.

João Batista de Oliveira foi casado com Antônia Maria de França, filha de Cristóvão Correia de França e de Maria Afonso de Oliveira, com quem teve o filho Zeferino, batizado aos 18.2.1803 (67), tendo por padrinhos o Capitão-Comandante Manoel Zeferino de Sousa Coutinho e Ana da Rosa, mulher de Francisco Rodrigues Bacellar, e Joana, batizada aos 19.5.1805 (68).

João de Oliveira Borges foi casado com Maria Cardoso, ou Maria de Oliveira Souto, ou, ainda, Maria Antônia de França,

filha "de pais incógnitos" (69) com quem teve generosa prole, espalhada por todo o litoral norte de Santa Catarina, incluindo Joinville e outras colônias não ibéricas. Dentre seus numerosos filhos, logramos descobrir os seguintes:

3.1. — Maria Lemes de Oliveira;

3.2. — Sebastiana de Oliveira;

3.3. — Joana Afonso Moreira;

3.4. — Constantino de Oliveira Borges.

Sebastiana de Oliveira foi casada com Antônio Meneses, natural de Paranaguá, filho de Antônio de Menezes Moreira e de Catarina Lopes, de acordo com o batismo do filho José, aos 13.1.1800 (70), e que, posteriormente, abandonada pelo marido talvez, teve também o filho natural Manoel, batizado aos 15.8.1804 (71).

Joana Afonso Moreira foi casada com Manoel Afonso Moreira, da mais antiga gente de São Francisco do Sul, filho de José Afonso Moreira e de Josefa Dias do Rosário, antigos moradores do Rio de Açaguaçu, neto paterno de Marcos Afonso Moreira e de Catarina Antônia Cardoso, francisquenses, e materno de João Dias do Rosário e de Ana Cardoso Moreira, também francisquenses, com quem teve numerosos filhos, dentre os quais destacamos: Domingas, batizada aos 16.2.1832 (72), Ana, aos 24.12.1836 (73), Deolinda aos 16.8.1840 (74), e Antônia, aos 10.6.1843 (75).

Maria Lemes de Oliveira teve a filha natural Eufrásia, batizada aos 20.1.1803 (76), nascida três dias antes, tendo por

62 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

63 — Livro nº. 1 de óbitos da Matriz cit.

64 — Livro nº. 8 de batismos da Matriz cit.

65 — Id. ib.

66 — Livro nº. 7 de casamentos da Matriz cit.

67 — Livro nº. 5 de batismos cit.

68 — Id. ib.

69 — Livro nº. 5 de batismos cit.

70 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

71 — Id. ib.

72 — Livro nº. 8 de batismos da Matriz cit.

73 — id. ib.

74 — Livro nº. 9 de batismos da Matriz cit.

75 — Id. ib.

76 — Livro nº. 5 cit.

padrinhos o Capitão Leandro José de Araújo e sua mulher D. Mariana Gertrudes. Deixou geração.

Constantino de Oliveira Borges, morador no Rio de Açaguaçu, foi casado com Clara Afonso Moreira, filha de José Afonso Moreira e de Josefa Dias do Rosário (v. supra), com quem teve vultosa descendência. Dentre os filhos, destacamos:

- 2.5.1. — Antônio de Oliveira Borges;
- 2.5.2. — Maria Clara de Jesus;
- 2.5.3. — João de Oliveira Borges;
- 2.5.4. — Salvador de Oliveira Borges;
- 2.5.5. — Bento de Oliveira Borges;
- 2.5.6. — Manoel Borges de Oliveira;
- 2.5.7. — Josefino de Oliveira Borges;
- 2.5.8. — Desconhecido (a, os, as).

Antônio de Oliveira Borges, ou Antônio Constantino de Oliveira Borges, como também foi grafado, tinha 42 anos aos 23.5.1885 (77) já era viúvo de Carolina Maria da Graça, quando passou a segundo leito, em Joinville, com Damásia Pacheco, de 32 anos, filha de Leandro José Budal Arins e de Maria Pacheco Pereira. Com sua primeira mulher, Carolina Maria de Jesus, teve o filho Amâncio de Oliveira Borges, com 36 anos em 1907 (78), já viúvo de Ana Maria da Conceição e morador no Itaum, em Joinville, quando passou a segundo leito com Fortunata Maria Budal, nascida e batizada no Ipiranga, paróquia de São Francisco do Sul, filha de João Budal da Costa e de Quintiliana Maria de Jesus.

Maria Clara de Jesus morava no Bueva, em Joinville, onde foi casada com João José da Costa Budal, filho de pai de igual nome, segundo o batismo do filho

José, aos 14.5.1864 (79), tendo por padrinhos Manoel Gonçalves da Maia e de sua mulher Maria Rita de Jesus, ou de José da Costa Budal e de Maria Rita de Jesus, conforme o batismo da filha Amélia, aos 13.6.1868 (80), quando seus pais são dados como moradores no Itaum. A mãe de seu marido também foi grafada "Ana".

João de Oliveira Borges, irmão de Higinio, batizado aos 12 de novembro de 1833 (81), foi casado com Vicência Maria da Conceição, filha de José Antônio da Costa e de Maria Rita de Jesus, segundo o batismo da filha Maria, aos 8.6.1862 (82), tendo por padrinhos Antônio José da Costa e sua mulher Rita Maria de Jesus.

Salvador de Oliveira Borges casou, aos 9.4.1865 (83), com Fortunata Maria da Graça, filha de Manoel Gonçalves da Maia e de Maria Rita da Conceição, com quem teve a filha Guilhermina, batizada aos 15.8.1868, nascida aos 18 de junho daquele ano (84). Salvador de Oliveira Borges foi irmão germano de Emília Maria de Jesus não referida acima, casada com Sebastião Rodrigues de Ramos, filho de João Rodrigues de Ramos e de Francisca Cidral, de acordo com o batismo da sobrinha Ana, aos 7.5.1859 (85).

Bento de Oliveira Borges casou, aos 14.5.1864 (86), com Antônia Julieta, filha de Manoel Gonçalves da Maia e de Maria Rita de Jesus.

Manoel Borges de Oliveira foi batizado aos 27.2.1836 (87) e tinha 39 anos aos 10.4.1877, já viúvo de Rosa Maria, quando casou com Joaquina Cidral (88), filha de Anastácia da Costa Cidral e de Ana dos Santos Pereira. Rosa Maria, sua primeira

77 — Registros da Catedral de Joinville.

78 — Id. ib.

79 — Id. ib.

80 — Id. ib.

81 — Livro nº. 8 de batismos da Matriz de N.ª. da Graça.

82 — Registros da Catedral de Joinville.

83 — Id. ib.

84 — Registros da Catedral de Joinville.

85 — Id. ib.

86 — Id. ib.

87 — Livro nº. 8 da Matriz de N.ª. da Graça.

88 — Registros da Catedral de Joinville.

mulher, era filha de Cândido de Oliveira Camacho e de Ana Cidral da Costa, conforme o batismo da filha Maria, batizada aos 21.1.1865 (89), tendo por padrinhos Salvador de Oliveira Borges e Carolina Maria da Conceição.

Josefino de Oliveira Borges foi batizado aos 12.11.1833 (90), tendo por padrinhos Joaquim Antônio Vieira e protetora N. S^a. da Graça. Casou com Ana de Oliveira Falcão e, com ela, teve a filha Honorata, batizada aos 12.3.1858 (91) tendo por padrinhos José da Rocha Coutinho e sua mulher Esther Gonçalves de Araujo,

Salvador de Oliveira Borges (v. supra) e Fortunata Maria de Oliveira tiveram outrossim, a filha Rosalina de Oliveira, com 23 anos em 13.2.1909, em Joinville (92), quando casou com João Nunes da Maia, de 28 anos, filho de Gabriel Gonçalves da Maia e de Teresa Maria da Costa. Tiveram, outrossim, a filha Júlia de Oliveira Borges, casada em Joinville, aos 6.11.1889 (93), com João José da Costa, filho de José da Costa e de Joana Maria Cidral, neto paterno de Manoel José da Costa e de Maria de Oliveira, franciscenses, e materno de José da Costa Cidral e de Joana Gonçalves.

A sobredita Eufrásia Lemes de Oliveira casou com o luso Joaquim Gonçalves, filho de Domingos da Silva e de Maria Antônia da Silva, naturais do Porto, com quem teve dentre outros, o filho Lourenço de Oliveira Borges, batizado aos 15.9.1833, nascido aos 10 de agosto do mesmo ano (94), tendo por padrinhos o Juiz de Paz Joaquim Gonçalves da Luz, casado, e Maria Correia Miranda, solteira. Dito Lourenço de Oliveira Borges foi casado, à sua vez, com Grácia Maria do Rosário, com

quem teve a filha Maria do Rosário, casada com o luso Joaquim José de Fontes, natural do Porto, filho de Luiz Caetano e de Ana Rosa, também naturais do Porto, conforme o batismo da filha Maria, em 1^o.3.1833 (95), tendo por padrinhos Francisco Budal e a avó materna.

Vê-se, no entanto, no batismo da filha Grácia, qual a mãe, em 11.6.1833 (96), que Lourenço de Oliveira Borges era filho de Antônio de Oliveira Borges (v. supra) e de Pelônia da Silva, enquanto que sua mulher, Grácia Dias do Rosário, era-no de João Dias do Rosário e de Ana Cardoso Moreira, esta filha de Marcos Afonso Moreira (v. supra) e de Catarina Cardoso, tendo por padrinhos Antônio João Vieira e Aguida Dias do Rosário.

O susodito luso Joaquim José Fontes e sua mulher Maria Borges de Oliveira tiveram, outrossim, o filho Joaquim Teixeira Fontes, morador no Itaum, onde foi casado com Maria Honória da Silveira, filha de Vicente José da Silveira e de Rosa Dias do Rosário, então já finada, segundo o batismo da neta Maria, aos 4.1.1883 (97).

Houve diversos outros Oliveiras Borges, da mesma família moradores em Joinville, cuja ascendência estamos ainda por identificar. Certo é que toda essa família teve relevante importância para o povoamento da hoje desenvolvida Cidade de Joinville (SC), antiga Colônia D. Francisca. Assim, e, g., Gonçalo de Oliveira Borges e sua mulher Florisbela Maria de Jesus tiveram o filho Domingos de Oliveira Borges, dentre outros, casado, por seu turno, com Mariana Ferreira do Valle, filha de Manoel Ferreira do Vale e de Joana Francisca Carneira (98).

(Conclui no próximo número)

89 — Id. ib.

90 — Livro n^o. 8 cit.

91 — Livro n^o. 13 de batismos da Matriz de N.S^a. da Graça.

92 — Registros da Catedral de Joinville.

93 — Id. ib.

94 — Livro n^o. 8 de batismos da Matriz de N.S^a. da Graça.

95 — Id. ib.

96 — Id. ib.

97 — Registros da Catedral de Joinville.

98 — Id. ib.

MULHER IMIGRANTE

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

Mulher imigrante
de avental, às margens do rio Itajahy-Mirim batendo a roupa.
Com tantas qualidades
apregoadas na televisão,
como sobreviveste à falta do sabão em pó?

Polaca de lenço na cabeça
frente ao fogão a lenha
na cozinha — que era o espaço
mais amplo de tua vida.
Receitas, para que tê-las ou lê-las,
se ingredientes não havia?

Mulher polonesa
atenta às exigências de uma boa mesa.
Como ser anfitriã somente
com o milho, a farinha de mandioca
e sem o sal, centeio ou qualquer outro recheio
para agradar a família?
Mulher, cozinheira de forno e fogão,
criaste e recriaste a arte milenar
de assar o pão — símbolo da hospitalidade de uma nação.

Como mãe, dona-de-casa,
às vezes médica, às vezes sábia,
procuraste transformar a paisagem
com toda sorte de cores
e com todo o colorido dos papéis recortados
tentando dar vez à emoção maior:
saudades da Polônia!

Sem telefone, onde encontrar um disk-pierogui?
Jantar fora não dá.
Não há congelados, nem microondas.

Que fazer com os vazios da lembrança?
A memória quase não alcança mais
as recordações lá deixadas.

Polônia. Mulher. Imigrante.
Palavras fortes (e femininas) a traduzirem imagens
num porta-retrato,
num auto-retrato,
num pequeno retrato,
daquilo que foste e continuas sendo: MULHER!

REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (X)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Ano de 1924

1—2 — Provisões de vigário, coadjutores e de faculdades, em 15/12/1923.

3 — Dispensa matrimonial (Gino Petermann e Maria Schimel), em 05/01.

4 — Visitas paroquiais: Guabiruba (02/01), Nova Itália (14/01).

5 — Dispensa matrimonial (Pedro Spargelati e Celinda Bertolini em 14/01.

6 — Provisão de faculdades de confessor e pregador em favor do Pe. José Bollinger, em 14/01.

7 — Provisão para receber na Igreja Católica: Guilherme Müller em 14/01.

8—26 — Visitas paroquiais: Nova Itália (16/01), Barracão (14/01), Cedro Grande (18/01), Limeira (03/02), Guabiruba (04/02), Ribeirão do Mafra (07/02), Lageado (11/02), Guabiruba (12/02), Barracão (23/02), Guabiruba (24/02), Santa Luzia (04/03), Guabiruba (18/03), Barracão (20/03), Cedro Grande (31/03), Cedro Pequeno (14/04), Barracão (27/04).

27—29 — Dispensas matrimoniais: (Augusto Link e Laura Ristow), e (Isidoro Paulo e Maria de Jesus) em 05/05.

30 — Provisão de confessor ordinário das Irmãs de Azambuja, em favor do Pe. Schüller, em 28/04.

31—52 — Visitas paroquiais: Guabiruba (31/05), Ribeirão do Mafra (24/06), Cedro Grande (29/06), Limeira (11/07), Planície Alta (13/07), Barracão (26/07), Cedro Pequeno (16/08), Barracão (23/08), Lageado (05/09), Limeira (08/09), Cedro Grande (15/09), Barracão (06/10), Guabiruba (06/10), Ribeirão do Mafra (14/10).

53 — Carta pastoral de Dom Joaquim sobre o Jubileu Universal, em 07/09.

54 — Visita paroquial à capela de Cedro Grande, em 05/11.

55 — Dispensa matrimonial (Luiz Molinari e Mathilde Giancesini) em 10/11.

56—57 — Visitas Paroquiais: Planície Alta (06/11), Guabiruba (09/11).

58 — Movimento religioso durante as Missões, de 10/11 a 23/11.

59 — Circular sobre retiro diocesano, em 15/12.

Ano de 1925:

1—5 — Provisões de vigário, coadjutores e de faculdades, em 03/01.

6 — Dispensa matrimonial (José Assi e Thereza Belli) em 02/01.

7—15 — Visitas paroquiais: Guabiruba (06/01), Nova Itália (15/01), Barracão (25/01), Guabiruba (16/02), Barracão (25/02), Poço Fundo (11/03), Cedro Pequeno (10/03) Barracão (19/03).

16 — Dispensa matrimonial: (Francisco Ullrich e Elisa Hassmann).

17 — Provisão para receber na Igreja Católica: Antônio Niebuhr, em 22/03..

18—24 — Visitas paroquiais: Lageado (28/03), Cedro Grande (07/04), Guabiruba (06/04), Barracão (25/04), Guabiruba (04/05), Nova Itália (11/05).

25—27 — Dispensas matrimoniais (acolhimento na Igreja Católica: Maria Petermann, em 18/05.

28—29 — Provisão de coadjutor e de confessor extraordinário, em 30/05.

30 — Provisões dos Conselhos de Fábrica, em 09/06.

31 — Dispensa matrimonial: (João Fisher e Loa Bühler), em 11/07.

32—39 — Visitas paroquiais: Ribeirão do Mafra (24/06), Planície Alta (29/06), Barracão (29/06), Guabiruba (06/07), Limeira (20/07).

40 — Provisão de confessor ordinário, em 15/08.

41—50 — Visitas Paroquiais: Ce-

dro Pequeno (16/08), Barracão (22/08), Lageado (30/08), Guabiruba (08/08), Limeira (09/09), Cedro Grande (16/09), Poço Fundo (27/09), Guabiruba (19/10), Cedro Grande (30/11).

51 — Dispensa matrimonial: (Júlio Jurrich e Maria Gonçalves), em 06/11.

52—53 — Visitas paroquiais: Lageado (09/12) e Barracão (13/12).

Ano de 1926:

1—2 — Visitas paroquiais: Nova Itália (15/01), e Guabiruba (19/01).

3 — Provisão de vigário em favor do Pe. Germano Brand, seus coadjutores e de faculdades, em 31/01.

4—8 — Visitas paroquiais: Guabiruba (08/02), Barracão (28/02), Lageado (25/03).

9—11 — Dispensas matrimoniais: (Gustavo Willerich e Charlotta Horn) em 02/02, (Francisco Tumhorf e Elisa Butsch), em 10/03 (Augusto e Maria Bianchessi), em 14/04.

12 — Provisão de confessor extraordinário das Irmãs de Itajaí em favor do Pe. Germano Brand, em 13/04.

13—22 — Visitas Paroquiais: Guabiruba (03/05), Planície Alta (12/05), Poço Fundo (18/05), Cedro Grande (21/05), Limeira (31/05), Barracão (19/06), Nova Itália (03/07), Guabiruba (05/07).

19—20 — Dispensas matrimoniais (Antônio Erbs e Paulina Kissner) e (Melchivo Fisher e Mathilde Baron), em 13/06.

23—24 — (Ramilo de Souza e Anna Carolina), em 16/07 e (Oscar Westarb e Ida Kissner), em 16/07.

25—26 — Visitas paroquiais: Guabiruba (02/08), Poço Fundo (08/08).

27 — Dispensa matrimonial (João Mafra e Florentina Alves), em 03/08.

28—30 — Visitas Paroquiais: Cedro Grande (16/08), Guabiruba 30/08), Limeira (09/09).

31 — Dispensa matrimonial (Mathias Baron e Thereza Riffel), em 16/09.

32 — Visita paroquial em Guabiruba, em 04/10.

33—35 — Dispensas matrimoniais (Jacob Schaefer e Mathilde Scharf) em 09/10 (José Erthal e Amélia Baumgartner), em 24/10, (Lino Alberisso e Luiza Censi) em 24/10, (Vicente Schafer e Hildegard Rautemberg) em 24/10.

36—41 — Visitas paroquiais: Cedro Grande (12/10), Poço Fundo (21/10), Cedro Grande (20/11), Planície Alta (23/12), Lageado (09/12).

42 — Dispensa Matrimonial: (Alois Lana e Helena Zucco), em 25/12.

Ano de 1927:

1—3 — Visitas paroquiais: Nova Itália (15/01), Guabiruba (17/01), Bela Vista (18/01).

4 — Dispensa matrimonial (Mathias Zanon e Clara Krieger), em 24/01.

5 — Transferência da Capela de Barracão de Brusque para a Paróquia de Gaspar, em 01/02.

6—9 — Visitas paroquiais: Planície Alta (09/02), Guabiruba (21/02), Cedro Grande (24/02), Guabiruba (28/02).

10 — Provisão de vigário Pe. Germano Brand, seus coadjutores e de faculdades, em 28/02.

11—13 — Visitas paroquiais: Lageado (30/03), Limeira (03/04), Guabiruba (18/04).

14—16 — Dispensas Matrimoniais: (Carlos Hering e Maria Wanka), em 05/04, (Leonardo Lobato e Wally Titzmann) em 05/04, (Fernando Paim e Rosa Zauka), em 05/05.

17 — Visita paroquial a Capela de Poço Fundo, em 15/05.

18—21 — Dispensas matrimoniais (Oswaldo Ticke e Adelina Rudoff) em 16/06, (Luiz Boddemüller e Hedwiges Wiedecker), em 12/09, (Max Ludden e Alcina Malossi) em 26/09, (José Merizio

é Anna Turmini) em 29/10.

22 — Provisão de confessor ordinário das Irmãs ao Pe. Germano Brand, em 22/11.

23 — Dispensa Matrimonial (Fre-

derico Kosehuckee e Martha Winter), em 26/12.

Visitas às capelas, em diversas datas,

CRÔNICA DA FAMÍLIA GEBIEN

TEXTO DE: ARTHUR GEBIEN — 1947.

Tradução: Horst Baumgarten.

I

JOHANN GEBIEN

Nasceu a 06 de abril de 1823 em Mecklenburg — Alemanha. Faleceu em 17 de setembro de 1897 em Benedito-Indaial — SC — Brasil.

Sobre sua lápide encontra-se a seguinte inscrição: "O amor que a morte separou, o céu unirá novamente".

Era casado com:

SOPHIE GEBIEN NASCIDA STEINHAGEN

Nasceu a 06 de maio de 1827 em Meklenburg — Alemanha. Faleceu em 11 de junho de 1899 em Benedito-Indaial — SC — Brasil.

Sobre sua lápide encontra-se a seguinte inscrição: "Na luz das alturas nos reencontraremos".

Da união matrimonial de Johann e Sophie nasceram 10 filhos, a saber:

1º. — JOHANN GEBIEN, ainda nasceu na Alemanha. Era casado. Deixou descendência e faleceu com idade avançada.

2º. — CARL GEBIEN — nasceu em Blumenau e veio a falecer ainda jovem.

3º. — ADELHEID GEBIEN — era casada com AUGUST EHLERT. O casal teve dois filhos, dos quais, uma moça, veio a falecer em tenra idade.

3.1. O filho Rudolf, já adulto, deixou a vida, sem deixar descendentes.

Adelheid Gebien — conheceu idade avançada.

4º. — ADOLF GEBIEN — nasceu em Blumenau. Foi casado duas vezes. Deixou descendentes, vindo a falecer com idade avançada, em Blumenau-Hansa. (2)

5º. — ALWINE GEBIEN — nasceu em Blumenau, vindo a falecer na flor da idade. Era casada com HEINRICH BEWIAHN. Deixou descendentes.

6º. — HEINRICH GEBIEN — nasceu em Blumenau — era casado, deixou descendência e faleceu com idade avançada. Foi sepultado em Benedito-Indaial. (1)

7º. — RUDOLF GEBIEN — (Veja Parágrafo III).

8º. — HERMANN GEBIEN — faleceu ainda jovem.

9º. — GEORG GEBIEN — permaneceu solteiro, vindo a falecer nos melhores anos da vida.

10º. — THEODOR GEBIEN — solteiro — faleceu nos melhores anos da vida.

II — AVÓS MATERNNOS (3)

JOHANN BEWIAHN — nasceu a 23 de setembro de 1813, em Mecklenburg — Alemanha. Faleceu em 23 de abril de 1895, no bairro Garcia — Blumenau. Sobre sua lápide encontra-se a inscrição: "Aqui o pobre coração, movido por muitas turbulências, alcançar a vera paz, quando já não mais palpita". (4)

Era casado com:

HENRIETTE BEWIAHN — da família WERNER — nasceu a 25 de dezembro de 1826 em Mecklenburg — Alemanha. Faleceu a 28 de abril de 1907, no bairro Garcia — Blumenau. Sobre sua lápide consta:... (5) (6)

Da união matrimonial de Johann Bewiahn e Henriette Bewiahn — Werner — nasceram 7 filhos, a saber:

1. AMALIE BEWIAHN, nasceu no bairro Garcia — Blumenau. Faleceu com idade avançada, na localidade de Itapocú — Joinville. (7)

Era casada com JULIUS VOGEL. Deixou ampla descendência.

2. HEINRICH BEWIAHN, nasceu no bairro Garcia — Blumenau. Foi casado duas vezes. Deixou grande descendência. Faleceu com idade avançada, em Indaial.

3. MARIE BEWIAHN, nasceu no bairro Garcia — Blumenau. Era casada com ADOLF GEBIEN. Deixou descendência. Faleceu jovem.

4. CARL BEWIAHN, era casado, deixou descendentes. Faleceu, pondo termo a vida, ainda jovem.

5. ROSA BEWIAHN, (Confira Parágrafo III).

6. JOSEFINE BEWIAHN, nasceu no bairro Garcia — Blumenau. Foi casada com JOHANN WLOCK. O casal teve uma filha. Josefina faleceu com idade avançada.

7. FERDINAND BEWIAHN, nasceu no bairro Garcia — Blumenau. Era casado. Deixou descendentes. Faleceu no Garcia-Jordão em Blumenau.

III

RUDOLF GEBIEN — nasceu a 06 de fevereiro de 1864 no bairro Garcia — Blumenau. Faleceu em 20 de abril de 1942. Alcançou a idade de 78 anos, 2 meses e 14 dias. Faleceu em sua propriedade, no bairro Fidélis — Blumenau.

Casou-se a 04 de junho de 1891 com:

ROSA BEWIAHN — nascida a 04 de outubro de 1863 no bairro Garcia — Blumenau. Desta união matrimonial nasceram 6 filhos, a saber:

1. RICHARD GEBIEN — nasceu a 11 de maio de 1892, no bairro Garcia — Blumenau. Casou-se a 10 de setembro de 1919 com Ida Schwantz, esta nascida em 21 de agosto de 1886, no bairro Fidélis — Blumenau.

FILHOS:

a) AMANDA GEBIEN — nasceu a 29 de junho de 1920 em Arraial — Gaspar.

b) WALTER GEBIEN — nasceu a 2 de março de 1924 em Arraial — Gaspar.

2. HELMUT GEBIEN — nasceu a 2 de abril de 1894, bairro Garcia — Blumenau. Faleceu a 16 de junho de 1929, em Arraial — Gaspar. Alcançou a idade de 35 anos, 2 meses e 14 dias. Em primeiras núpcias era casado com MATHILDE MICHELMANN. O primeiro casamento aconteceu em 3 de junho de 1918. Mathilde Michelmann faleceu em 8 de março de 1928, em consequência de uma picada de jararaca.

FILHOS DO CASAL:

a) HEDWIG GEBIEN — nasceu a 29 de setembro de 1919 em Arraial — Gaspar. Casou-se a 6 de setembro de 1941 com ARTUR HOSTERT — nascido a 20 de fevereiro de 1920, Passo Manso — Blumenau.

b) KLARA GEBIEN — nascida a 1^o. de junho de 1922 em Arraial — Gaspar.

c) ENGELBERT GEBIEN — nasceu a 23 de outubro de 1926 em Arraial — Gaspar. Helmuth Gebien casou em segundas núpcias com ELLA BARTHEL. Esta nasceu em 24 de julho de 1901, no bairro da Velha — Blumenau. Desta união matrimonial nasceu: THEKLA GEBIEN, aos 4 dias do mês de janeiro de 1930, em Arraial — Gaspar.

3. LOTHAR GEBIEN — nasceu a 28 de setembro de 1896, no bairro Fidélis — Blumenau. Casou a 11 de novembro de 1925 com OLGA SCHIJMANN, nascida a 16 de agosto de 1907, no bairro Fidélis — Blumenau.

FILHOS:

a) GERTRUD GEBIEN — nascida a 23 de março de 1927 — Fidélis.

b) ASTA GEBIEN — nascida a 8 de março de 1929 — Fidélis.

c) WALLY GEBIEN — nascida a 13 de dezembro de 1931, Fidélis.

d) EDGAR GEBIEN — nascido a 13 de abril de 1934 — Fidélis.

e) NORBERT GEBIEN — nascido a 25 de setembro de 1936 — Fidélis.

f) WILMAR GEBIEN — nascido a 30 de setembro de 1941 — Fidélis.

g) RUDOLF GEBIEN — nascido a 3 de março de 1946 — Fidélis.

4. HILDA GEBIEN — nascida a 18 de outubro de 1898 no bairro Fidélis — Blumenau. Casou a 23 de junho de 1937 com ALOIS BAIER — nascido a 18 de junho de 1912 em Kinzelsau — Alemanha.

FILHOS:

a) DITLIND — nascida a 8 de julho de 1938 — Fidélis.

b) ROSA — nascida a 3 de maio de 1941 — Fidélis.

5. ARTUR GEBIEN — (Veja Parágrafo IV)

6. UDO GEBIEN — nascido a 22 de outubro de 1905 — Fidélis — Blumenau.

Casou a 24 de maio de 1933 com ERICA MAUL — nascida a 23 de janeiro de 1914 em Blumenau.

FILHOS :

a) ROLF GEBIEN — nascido a 26 de outubro de 1933 — Fidélis.

b) HAROLD GEBIEN — nascido a 13 de novembro de 1934 — Fidélis.

c) ROLAND GEBIEN — nascido a 24 de setembro de 1936 — Fidélis.

d) ZILDA GEBIEN — nascida a 6 de novembro de 1941 — Fidélis.

IV — PARÁGRAFO

ARTUR GEBIEN — nasceu a 10 de outubro de 1901 — Fidélis — Blumenau.

Casou com HEDWIG KRUEGER a 28 de julho de 1923 em Ribeirão Massaranduba — Blumenau. Hedwig Krueger nasceu a 23 de setembro de 1902 em Testo Rega — Blumenau. Era filha de: HERMANN KRUEGER, nascido a 4 de junho de 1873. Faleceu com a idade de 54 anos 10 meses e 1 dia. Data do falecimento: 5 de abril de 1928 na localidade de Rio Cerro — Jaraguá do Sul. Hermann Krueger foi casado com BERTHA KRUEGER nascida GUSTMANN, nascida a 2 de junho de 1873 em Testo Rega — Blumenau. Faleceu com a idade de 61 anos, 8 meses e 19 dias. Data do falecimento: 21 de fevereiro de 1935 em Aurora — Jaraguá.

FILHOS : (9)

a) GUSTAV KRUEGER — nasceu em 7 de maio de 1897 em Testo Rega. Casou dia 12 de fevereiro de 1921 com ELIZABETH BROTZKI.

FILHOS :

1. HILDA KRUEGER — nasceu em 7 de agosto de 1921.

2. ERNA KRUEGER — nasceu em 29 de março de 1923. Faleceu em 27.02.1945.

3. ASTA — nasceu: 13.08.1925. Faleceu: 11.12.1944.

4. GERTA — nasceu: 27.05.1927.

5. HARTWIG — nasceu: 27.08.1928.

NT. 9 — O autor passa a enumerar os filhos de Hermann e Bertha Krueger.

6. WALLY — nasceu em 23.09.1930.

7. HEINZ — nasceu em 08.06.1932.

8. EDLA — nasceu em 05.11.1934.

9. TONI — nasceu em 16.03.1936.

10. ROLF — nasceu em 16.03.1938.

11. LAURITA — nasceu em 21.04.1941. Faleceu em 30.07.1941.

12. LAURO — nasceu em: 24.03.1943.

13. SELVINO — nasceu em: 13.02.1945.

b) ANNA KRUEGER — nasceu: 19 de agosto de 1898 em Rio Cerro — Jaraguá. Casou em 23 de março de 1918 com WALDEMAR BRAUN, nascido a 23 de janeiro de 1896 em Rio Cerro — Jaraguá.

FILHOS :

1. LISCHEN — nasceu: 19.01.1919. Faleceu: 17.01.1937.

2. WERNER — nasceu: 28.04.1920.

3. HILDA — nasceu: 20.10.1922.

4. CILLI — nasceu: 11.01.1925.

5. HERBERT — nasceu: 18.08.1926.

6. LINA — nasceu: 14.09.1928.

7. ELLA — nasceu: 21.07.1932.

8. WALLY — nasceu: 19.08.1937.

9. ARTUR — nasceu: 19.08.1937.

Gêmeos.

c) HEDWIG KRUEGER Veja Parágrafo V)

d) WILHELMINE KRUEGER — nasceu: 21.09.1904 em Rio Cerro — Jaraguá.

Casou em: 30.07.1927 com: GUSTAV BRUCH — nascido a 10.11.1902 em Rio Cerro — Jaraguá.

FILHOS :

1. WALLY BRUCH — nasceu: 26.02.1928.

2. SELLY BRUCH — nasceu: 09.10.1929.

13.09.69. O esposo nasceu na localidade de Alto Baú no dia 02.08.1945. O casal teve três filhas:

1.1. IRIA BOLLMANN, nasceu em 11.11.1970, em Alto Baú — Ilhota. Casou com FREDEMAR SCHMITT, nascido em 07.10.1970 em Ilhota. O enlace aconteceu dia 09.03.1996. O casal tem um filho:

1.1.1. JEAN VITOR SCHMITT, nascido em 18.07.96.

1.2. IRIS BOLLMANN, nascida em 10.04.1973 em Alto Baú, Ilhota. Em 15.05.1993 casou com MOACIR WIPPEL. O esposo nasceu em 04.11.1971 em Baú Central, Ilhota.

1.3. ILIANE BOLLMANN, nascida em 19.08.1974, em Alto Baú, Ilhota. Casou com MÁRCIO SIEBERT, em 08.02.1992. O esposo nasceu no dia 07.12.1969. O casal tem uma filha:

1.3.1. JÉSSICA TAYSE SIEBERT, nascida em 28.05.1996.

10 — Dados fornecidos por Crista K. Gebien.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiladas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

José Gonçalves

— DIA 1º/11/1946 — Por decisão do Delegado Regional de Polícia, Paulo Malta Ferraz, ficou proibido, contra muitos protestos, o estacionamento de veículos ao longo da rua 15 de Novembro.

— DIA 03/11/1946 — Com vitórias alcançadas em Brusque, o Grêmio Esportivo Olímpico sagrou-se campeão invicto do ano, nos certames de Basquete e Voleibol promovido pela Liga Blumenauense de Desportos. *** Neste dia o conceituado empresário e homem de imprensa Cássio Medeiros recebia abraços de seus familiares e inúmeros amigos pelo registro de mais um aniversário natalício.

— DIA 06/11/1946 — Era noticiada a instalação de uma oficina de concertos de rádio, vitrola e toca-discos, pelo técnico profissional Raul Mueller, pessoa muito benquista em Blumenau, filho do também estimado e saudoso cidadão Professor João Durval Mueller.

— DIA 08/11/1946 — O General Otávio da Silva Paranhos que, quando Ten. Cel. comandara o então 32º Batalhão de Infantaria por dois anos, recebeu o título de Cidadão Blumenauense ao ser promovido a General, de acordo com telegrama que lhe enviou neste dia o prefeito Germano Beduschi.

— DIA 12/11/1946 — O jornal noticiou na página social o nascimento do menino Nelson, filho de Honorato Tomelin, diretor do jornal e de sua esposa dona' Nayme Fadel Tomelin, de saudosa memória.

— DIA 09/11/1946 — Encerrou-se mais uma vitoriosa exposição de orquídeas realizada durante 15 dias no Clube Náutico América, pelo Círculo de Orquidófilos de Blumenau.

— DIA 17/11/1946 — O jornal destaca a possibilidade do Dr. Aderbal Ramos da Silva vir a ser candidato ao Governo do Estado pela sigla do Partido Social Democrático.

— DIA 20/11/1946 — É noticiado o apoio do PTB à candidatura de Aderbal Ramos da Silva pelo PSD, homologada nesta data pelo partido.

Uma excursão de páscoa à Serra do Mirador

Pesquisando documentos e jornais antigos à procura de informações sobre habitações líticas do passado histórico, encontramos no jornal mensal "Der Hansabote", encarte rural expedido com o jornal "Der Urwaldsbote" nº. 10, ano 7, datado de Hammonia, sábado, 22 de julho de 1911, à pg. 2, 3 e nº. 11, ano 7, pg. 1 e 2, uma reportagem anônima, que Niels Deeke providenciou a tradução e após revista teve a seguinte redação:

Alguns moradores de Hammonia vinham, há muito tempo, planejando fazer uma excursão ao cume da Serra do Mirador, entretanto, como havia pouco interesse, qualquer pequena contrariedade sempre a preteria fazendo com que o assunto fosse esquecido. Há oito anos passados (portanto em 1903) o Sr. Dr. Aldinger, acompanhado de seus alunos, foi o primeiro que, escalando a montanha, alcançou o pico, levando três dias e meio até o seu regresso. Naturalmente naquela ocasião a floresta virgem ainda atingia o centro da cidade e não haviam talhado qualquer picada em sua direção.

Antes que os hanseatas despertassem seu interesse para excursões, ocorreu a presente turnê dos ginastas blumenauenses para a Hansa e esperamos que este procedimento doravante passe à motivá-los na execução das mesmas práticas, pois afinal semelhantes passeios fazem parte do estudo objetivando o melhor conhecimento das condições ambientais da região em que vivemos e para tanto sentimo-nos alegremente estimulados pelo amor à pátria que abraçamos.

O Sr. Hermann Müller imbuído dos mesmos ideais aliou-se providencialmente à nossa trupe, pois foi ele quem rasgou os primeiros caminhos através das terras de Schuller e quem deu início ao po-

voamento. A Serra do Mirador encontra-se configurada nos limites extremos desta concessão de terras que originalmente pertenceu à Companhia Colonizadora Hanseática a qual a transferiu à Schuller, para colonização.

O cume da Serra do Mirador pode ser divisado de quase todos os recantos da Hansa. Sua altitude foi estimada em cerca de 700 metros, (Conforme a medição tomada no 1º. dia da páscoa (1911) pelo fiscal Sr. Weber, foi apurada a altitude de 745 metros), e conseqüentemente lá de cima deveria ser possível descortinar um interessante panorama. Como o Sr. Hermann Müller, na semana anterior, mandou alguns homens abrirem uma picada e sondar o acesso até o pico, nossa empreitada não poderia ser considerada tão difícil.

No primeiro dia da páscoa, às 6 horas da manhã, quatorze senhores encontravam-se defronte a casa de Schuller, prontos para iniciar a marcha. Alguns já estavam lá desde a noite e outros haviam partido às 5 horas da manhã de Hammonia num carroção. Plenos de disposição, bem humorados e dizendo as melhores anedotas iniciamos a caminhada.

Primeiramente seguimos pela estrada aberta que demandava o lugar onde pretendiam estabelecer o centro urbano denominado «Neu Stetin». Com o objetivo de encur-

tar caminho transpusemos uma profunda gruta através de um tronco de árvore tombado sobre a depressão, ou melhor, assim procederam aqueles que conseguiram se equilibrar. Houve um que preferiu transpor o desnível descendo pela margem até o fundo para, em seguida, subir a íngreme ribanceira do lado oposto. Outro arrastou-se de barriga sobre uma improvisada ponte na mata suportando as risadas e gozações dos colegas. Vencido o obstáculo continuamos em marcha acelerada pela picada, passando por coivaras recém derrubadas que assinalavam os trabalhos iniciais para o estabelecimento de novas colônias na floresta, locais onde haviam feito pequenos ranchos para servir como abrigos provisórios. Deverás!

Quão rapidamente são esquecidos os sofrimentos e percalços pelos quais passa um colono quando pretende se assentar em terras cobertas por densa floresta! Há passados sete ou oito anos muitos de nós ainda estávamos no mesmo estágio, entretanto atualmente, com certeza, todos já desfrutam uma vida melhor. Contudo o que importa é que a terra seja boa e isto na maior parte é assim nessa nova gleba, onde já haviam dado os primeiros passos para estabelecer cerca de oito a dez colônias, locais em que foram abertas picadas para a passagem à cavalo com destino à Neu-Stetin, a partir de onde a estrada para carroças já está pronta.

Deste ponto em diante teve início a densa floresta. Seguíamos conduzidos pelos senhores Müller e Weber, sendo que este último em virtude de haver efetuado as medições naquela região, assumiu o papel, de guia, dando explicações e fazendo os respectivos comentários,

pois dentre os participantes da excursão haviam alguns que jamais tinham penetrado tão para o interior da selva. A picada prosseguia numa suave elevação e até então não nos deparamos com precipícios como acontece na região.

Como o objetivo era alcançar o cume, não paramos nem mesmo para fazer a merenda a fim de evitar que a sede se manifestasse. Dois homens foram especialmente convocados para transportar garrafas de cerveja na quantidade de uma para cada membro da turnê, e o precioso líquido deveria chegar são e salvo no pico da montanha.

Junto dum riacho fizemos uma pequena parada pois a partir dali a subida seria mais acentuada e nos disseram que levaríamos somente uma hora para atingir o alto que entretanto demandou realmente hora e meia. Um dos membros do grupo quis descansar um pouco mais para então seguir adiante. Naturalmente quando reiniciou sozinho a marcha, não encontrou o correto acesso demarcado e errou o caminho. Felizmente no retorno o encontramos, todavia outro mais que ficou para trás, perdeu-se somente conseguindo sair da floresta às doze horas do dia seguinte. Depois de caminhar cerca de quarenta e cinco minutos, a floresta ficou menos densa e mais clara, quando de inopino uma parede rochosa nos fez parar o que nos causou surpresa de vez que até então não havíamos percebido qualquer formação rochosa nem mesmo topado com um bloco de pedra sequer.

Contornamos um trecho da escarpa rochosa da montanha e depois de pequenas saliências começou a íngreme subida. Se as abruptas escarpas não estivessem inteiramente recobertas de mato, barços e cipós que tanto fazem o al-

pinista parar como também impede a percepção de algum precipício, não seria aconselhável que alguém não totalmente imune à vertigens, se atrevesse ousando fazer a escalada por aquele trajeto.

Logo no início do perau o que primeiramente assaltou nossa visão foi a formação de **diversas «cavernas»**. Uma delas era **tão grande e alta que** tranquilamente poderia abrigar **trinta ou quarenta homens**, só faltando colocar uma porta na entrada e a casa estaria pronta. Infelizmente não tínhamos tempo suficiente para pesquisar adiante, penetrando em outras cavernas, porque pretendíamos, ainda à noite, estar de volta em Hammonia.

Foi necessário nos encostarmos sempre mais próximo ao paredão alcantilado e procurar apoio com ambas as mãos, havendo lugares onde só era possível passar um homem de cada vez, mesmo assim agarrado às raízes e cipós pendentes na ribanceira.

Novamente uma empinada «Taipa» no penedo nos fez parar. Uma árvore havia estirado suas enormes raízes pelo penhasco e atracados com pés e mãos neste emaranhado deveríamos forçar a escalada. Na base desta estreita garganta só havia espaço para duas ou três pessoas e os primeiros a chegar no topo derrubaram uma árvore da grossura de um braço humano que após lançada aos que abaixo aguardavam, serviu de cabo de carga improvisado para içarem todos os apetrechos e por sua vez, foi erguido, cada qual dos alpinistas.

Chegáramos ao «Plateau» da montanha.

Através de fina taquara, semelhante à capim que alcançava nosso peito, seguimos o caminho até a primeira saliência que avançava

sobre o penhasco. Lá no alto não havia qualquer formação cerrada de árvores e o chão parecia forrado de feltro, elástico e macio. Diante de nossos olhos, repentinamente descortinava-se um panorama sem limites, sendo possível apreciar, no horizonte, a imensidão das terras à nossa frente e abaixo de nós. O ar rarefeito era claro e límpido. Antes de começarmos a merenda fomos explorar as vizinhanças. Ao norte podia-se enxergar a região de nascentes do rio Preto, rio Benedito e rio dos Cedros. Ao leste a visão alcançava o Spitzkopf, morro do Baú, da Itoupava (morro do Çachorro), etc. Ao sul via-se a serra do Trombudo e ao sudeste o morro do Funil. A fim de que pudessemos apreciar a vista ao oeste, seria necessário que nos dirigíssemos ao extremo oposto de plateau, contudo não dispúnhamos de tempo para tanto. Abaixo, podíamos discernir nitidamente as localidades de Hammonia e Neu Berlin. Todo o espetáculo que divisávamos parecia como que tirado de uma caixa de brinquedo, conforme acertadamente comentou um dos nossos colegas ao apontar os roçados recém executados que à feição de pequenas manchas picotavam a imensidão interminável das florestas.

Entretanto depois da estafante escalada o organismo humano também exigia compensações e para satisfazê-lo as mochilas foram abertas e como já fosse onze e meia a merenda passou a ser consumida. Apesar do sol brilhar com intensidade sobre nós, a temperatura era agradável pois soprava um vento fresco que envolvia nossas narinas com os balsâmicos e deliciosos odores que exalavam dos produtos das queijarias que os ex-

cursionistas tinham transferido para o alto da montanha. Uma grande ave de rapina planava sobre nossas cabeças e certamente fora atraída pelo forte aroma do queijo «Camembert» ou por algo mais que pudesse ter suposto servir-lhe de presa. Sem embargo estava em tempo de avisar os hanseatas de que chegáramos vitoriosos no ponto culminante da elevação. Sabendo de antemão que os tiros de espingardas e revólveres não poderiam ser ouvidos nas distâncias desejadas, leváramos quatro bananas de dinamite para alcançar sucesso na divulgação da evidência de nossa posição. Assim, alternadamente, foram detonadas as cargas explosivas que explodiram em cada tiro dois cartuchos de uma só vez. Sem demora, após o primeiro estouro, veio, dos moradores de Neu Berlin, a resposta com espingardas e foguetes. O eco repercutido pelo ribombo deflagrado foi maravilhoso. Vinte e três segundos após ressoava o eco repetindo-se numa sequência espetacular, quando cada montanha, no horizonte, dava sua resposta. Uma fogueira foi ainda acesa e em seguida iniciada marcha de retorno, não antes do Sr. Müller buscar água fresca e cristalina numa fonte do alto da montanha. Nos lugares mais escarpados foram amarrados cipós para facilitar a descida que assim tornou-se mais rápida. No sopé, junto ao paredão da taipa, encontramos o companheiro que, na picada, ficara para trás e ali estava quase morrendo de sede. Depois de andarmos cerca de uma hora ouvimos provindos de um trecho à nossa frente, gritos pedindo socorro: «Socorro, porcos, venham nos acudir». Num primeiro momento tomamos a coisa co-

mo sendo brincadeira, todavia apressamos o passo e encontramos três indivíduos pendurados em canas de bambu, abaixo dos quais uma vara de porcos selvagens rilhava os dentes ávida para alcançá-los. Entretanto os animais ao nos perceberem foram tranquilamente embora, pois nenhum dos que desciam na vanguarda portava espingarda ou revólver. Quando os últimos, que estavam muito para trás e que tinham armas, chegaram, nada mais se via dos animais, no entanto ainda puderam sentir-lhes o forte cheiro. O Sr. Weber, mais adiante, na primeira roça, matou, com forte paulada, uma jararaca-açu basiante grande, além de já ter abatido uma no plateau da serra, e ainda no retorno, já perto da casa dos Müller, golpeou uma terceira que dera um bote no coiturno do companheiro que o precedia.

O caminho de retorno percorremos pela área já desbastada onde planejavam estabelecer o centro urbano de Neu Stetin. Na casa da família Müller depois de nos deliciarmos com uma boa cerveja da Hansa, embarcamos no carroção e a frota seguiu para casa. O passeio foi ótimo, não muito cansativo e aproveitamos bastante. Só é lamentável que não façam mais turnês como esta. A picada para a Serra do Mirador será mantida aberta e o senhor Müller, naquelas duas abruptas paredes rochosas, vai mandar colocar um cabo de aço. Ficaram de providenciar a limpeza de um pedaço do chão lá no alto da serra a fim de que o ponto culminante da Hansa e talvez o mirante do panorama mais belo do município receba no futuro mais visitantes para apreciar a deslumbrante paisagem.

Um pouco da história de Taió

(Do J.S.C., edição de 12/02/95)

SIGNIFICADO DE TAIÓ

Há várias correntes que explicam o topônimo indígena "TAIÓ". Uma delas faz alusão à "pedra grande". Mas há uma forte corrente, que relaciona o nome à planta "TAIA", muito conhecida na época e na região. Na Itália existe uma cidade com o mesmo nome e algumas características idênticas.

DADOS HISTÓRICOS

1904 — Início da colonização cabocla em Pinhalzinho, Laranjeiras e Pelota.

1917 — Início da colonização alemã na sede do município, sendo esta data conhecida nos anais da história como a do início da colonização de Taió.

1921 — Início da colonização italiana no município.

1927 — Criação do distrito de Tayó, pertencente primeiro ao município de São Francisco do Sul, Itajaí, Blumenau e depois ao de Rio do Sul.

30.12.1948 — Criação do município de Taió, pela Lei nº. 247.

12.02.1949 — Instalação do município de Taió, sendo esta data considerada o "Dia do Município".

27.12.1958 — Criação da Comarca de Taió, com abrangência sobre os municípios de Taió, Salete, Rio do Campo e Mirim Doce.

DADOS FISIográficos E DEMOGRÁFICOS

Área territorial — 661,5 km².

Localização — margem esquerda do rio Itajaí do Oeste, na confluência com o rio Taió.

Altitude — 346,428m acima do nível do mar (marco na prefeitura municipal).

Clima — temperatura média anual 15° C. Temperatura mínima — 7° C. Temperatura máxima — 34° C. Umidade relativa — 81%.

População do município: 16.478 habitantes — 9.698 na zona rural e 6.780 no perímetro urbano.

Origens: 30% alemã; 30% italiana; 40% outras, polonesa, açoriana, etc.

Eleitores — 12.202.

DADOS ECONÔMICOS

Setor agrícola — arroz 210.000 sacas; fumo 236.400 arrobas; milho 150.000 sacas; mandioca 45.000 toneladas; feijão 13.500 sacas.

Sericultura — seda 100 toneladas p/ ano.

Apicultura — mel 14 toneladas p/ ano.

Setor pecuário — leite comercializado 480.000 litros. Gado de corte 15.000 cabeças. Gado misto e leiteiro 20.000 cabeças.

Setor granjeiro — suínos 180 toneladas p/ano. Frangos abatidos p/ano 7.980.000. Granjas avícolas 97.

Setor de reflorestamento — viveiro 350.000 mudas.

Setor industrial — 53 indústrias, sendo as principais de transformação de madeira, moveleiras, cerâmicas, papel, confecções, produtos eletrônicos, ervateiros e bebidas.

Setor Comercial — 250 estabelecimentos comerciais. 115 estabelecimentos prestadores de serviços.

Setor educacional — 30 escolas isoladas estaduais, 12 escolas isoladas municipais, cinco escolas básicas, dois colégios estaduais e um colégio particular.

Setor cultural — Fundação Taioense de Cultura, Casa da Cultura, Biblioteca Pública Municipal, Fanfarras Municipais, Círculo Trentino di Taió, Centro Cultural 25 de Julho, Grupo de Teatro Cá Entre Nós e cinco grupos de corais.

Setor de comunicação — Clube de Radioamadores — Careta, Jornal Gazeta do Alto Vale, Rádio AM- Educadora, Rádio FM Verde Vale.

Setor hospitalar — um hospital, cinco farmácias, quatro postos de saúde oito médicos, dois bioquímicos, seis odontólogos e um psicólogo.

Setor esportivo — dois ginásios de esportes, seis quadras polivalentes, academia de ginástica.

Setor bancário — três agências.

Setor hoteleiro — três hotéis e três restaurantes.

Setor associativo — três clubes sociais e três clubes privados.

Setor judicial — um Fórum, um juiz, um promotor, dez advogados e três cartórios.

Setor social — Fundação Amparo, dois assistentes sociais, uma creche municipal, cinco jardins de infância municipais, dois Cebens, OTMC, uma creche particular, três jardins de infância particulares, Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente e Conselho Tutelar, Casa Abrigo.

DADOS TURÍSTICOS

Eventos — Carnaval de rua, Efrapi, Olimbairros, Festival de Esquetes, Festa

do Motorista, Festival de Bandas e Fanfarras, Festa de São João, Festa da Colheita, Festival Estudantil da Canção — Fescolar, Festa do Colono, Festa Dell Vino Artegiendale, Festa do Galetto, Festa Natalina.

Taió possui: belezas naturais tais como: quedas d'água, riachos e ribeirões, grutas, propriedades rurais modelo, águas sulfurosas, clima definido, relevo com vales, montanhas e várzeas com configurações bucólicas e paredões de pedra.

LOCAIS

Barragem Oeste — altura 25m, comprimento 422m, lago artificial transitório — 950 hectares, armazenamento de água — 110 bilhões m³, área de pesca, lazer e camping. Rio Rauem — 40m de queda. Ribeirão Pequeno — 7m de queda, Tifa Eitz — queda d'água, Passo Manso — águas sulfurosas, Gruta em Ribeirão do Salto, Pedreira — margem direita, Pedreira — Ribeirão Pequeno, Paredões — Passo Manso, Seminário — Centro, Propriedade Modelo — Ribeirão do Salto, Serra do Krammer.

Anotações de um imigrante*

1869.

Agosto.

Para mim, poderia ser Janeiro. Ano novo, Vida nova. Não é no Ano Novo que a gente faz promessas, repensa a vida, quer começar tudo diferente? Pois aqui estou eu, nesta terra chamada **Brasil!**

O que me aguarda? Nenhuma surpresa será maior que a da chegada ao porto de Ithajay: baús, trouxas e todo um carregamento de teres e haveres, espalhado, à espera de seu dono. Na bagagem, eu trazia uma imensa saudade da Polónia. "Saudade", que vim a saber depois, é uma palavra que existe apenas na língua portuguesa, e que explica aquele aperto no coração, aquelas

lágrimas nos olhos pela distância da pátria-mãe. Que, afinal, não havia sido gentil comigo, a ponto de me fazer imigrante. Da tralha recolhida no porto para as carroças que nos aguardavam — a mim e aos outros compatriotas —, a constatação de que algumas louças haviam se transformado em cacos: pratos partidos, xícaras sem alças, aquela travessa de servir pierogui lascada. As xícaras, logo vi, não fariam falta: nas canecas, mais robustas, que se salvaram, o café — bebida boa e quente —, teria outro valor.

Setembro, 10

Verde que te quero verde! Olho à minha volta, e é o que vejo. Fomos assentados numa encosta de morro: o rele-

* Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, do Instituto Histórico e Geográfico de S.C.

vo faz a diferença... Como trabalhar a terra?

O lugar chama-se Colônia Príncipe Dom Pedro. Faz parte da Província de Santa Catarina, no sul do Brasil. O Governo é imperialista, na pessoa de D. Pedro II, mas a coroa pertence à Portugal. Fica no Hemisfério Sul, e estamos, agora, na Primavera. Flores, vi poucas. Só as que os colonos alemães da vizinha Colônia Itajahy insistem em cultivar.

Setembro, 30.

Finalmente uma oportunidade de trabalho: recebeu-se pá, enxada, foice — ferramentas tão úteis quanto necessárias para lidar na floresta, abrindo clareiras para as choupanas e roças. Precisamos improvisar com o material disponível na natureza, e nossa casa de troncos encaixados no modelo tradicional da querida Polônia, fica, aqui na Colônia Príncipe Dom Pedro, arquivada na memória.

Na parede, a imagem de Nossa Senhora de Czestochowska, símbolo da religiosidade do nosso povo; ela olha por todos e estende suas bênçãos aos filhos distantes. Mais que uma expressão de fé, precisamos também da cruz para mantermos vivas nossas tradições católicas. Assim, unidos na oração, fortalecemos nossas esperanças.

Outubro, 15.

Esperanças? De quê e para que servem? Às vezes pergunto-me isso e vejo o Rio Ithajay-Mirim passar, levando, com as cheias, os sonhos de uma colheita. O Governo Imperial promete ajuda, a qual chega sob a forma de víveres e alimentos, retirados do armazém da Colônia Itajahy.

A manutenção governamental também dar-se-á até a próxima colheita. Na semana em que escrevo estas notas, chegaram sementes de alfafa e sorgo. Será que frutificarão em solo brasileiro?

Novembro, 02.

Dia de Finados. Dia de lembrar os

mortos. Nosso cemitério já recebeu alguns poloneses aqui falecidos. Chamam o local de **Cemitério dos Polacos**. Uma cruz, que deve resistir ao tempo das emoções vividas, sofridas e ali enterradas, guarda para sempre a fé de um povo.

Não sei se serei nele enterrado tão cedo. Estou bem de saúde. O trabalho de abertura nas estradas das Colônias permite uma ajuda mensal, garantindo nosso sustento. Conhecemos o aipim, uma rama que fornece alimentação forte. Descasca-se e cozinha-se. Substitui bem a batata. Dá para fazer pão, bolo... Triturado, transforma-se em farinha de mandioca, com a qual se preparam outros pratos. Inclusive é adicionada ao leite, para engrossar o mingau das crianças.

Dezembro, 25.

Natal. Na falta de vodka, que chego a crer ser mesmo ideal para países de clima frio, erguemos um brinde com uma bebida local, chamada aguardente.

Extraída da cana-de-açúcar (que também fornece açúcar), é tão forte quanto a vodka e igualmente saborosa. Na Zdrowie!

Para lembrar o Stólen, improvisou-se um bolo com alguma casca de fruta seca ao sol de Dezembro: limão ou laranja.

No dia 6, lembramos a figura de São Nicolau. Aqui, por causa do calor, ele nem ficaria naquelas pesadas roupas...

Na mesa de Natal, arranjamos, com alegria, os motivos que fazem dessa data uma das mais especiais para os cristãos. Jesus Cristo nasceu na palha de milho; o sal e os ovos cozidos — embora símbolos das cerimônias da Páscoa —, lembraram cenas distantes de uma Polônia tão presente em nossos corações.

O pinheiro, este sim, cortado na floresta nativa, tem enfeites de papel recortado, os Wycinanki.

1870.

Fevereiro.

Alguns pensam em desistir, ir embora. Para onde? Nosso lugar é aqui. Há promessas do Governador da Província em conseguirmos mais trabalho nas estradas — frentes que se abrem para dar passagem aos imigrantes, peregrinos em busca da paz em algum lugar do Planeta. O espírito de luta, fortalecido pelo suor de nosso trabalho diário, às vezes esmorece. É outra cultura, há costumes tão diversos, tanto verde e, dizem, começam a aparecer alguns gentios, primeiros habitantes do lugar. Nossos vizinhos, os alemães, já receberam a visita de alguns deles. São arredios para conversarem e não exitam em matar. Notícias dão conta de que um colono foi morto a flechadas. A direção da colônia avisou para ficarmos atentos aos ataques.

Qualquer dia de Março.

Quase perco a noção do calendário. Marcar os dias nem sempre é interessante, do ponto de vista de quem planta:

hoje choveu demais
ou
a seca prolonga-se
ou...
ou...

Junho 19.

O desânimo quer tomar conta de mim. Não vou entregar-me! A Polônia não pode ficar num quadro de parede, cuja paisagem só reproduz uma imagem; quero voltar a vê-la, antes que desapareça da lembrança.

O Governo Imperial não tem como enviar-nos de volta. Alega que somos imigrantes espontâneos, e não oficiais, como os alemães, listados e cadastrados nas agências de imigração. Isso dificulta uma série de relacionamentos a nível de negociação com o Diretor da Colônia

Príncipe Dom Pedro, Frederico von Klitzing.

1871.

Junho, 10.

Hoje faz dois anos que embarcamos no navio "Victória", no porto de Hamburgo, na Alemanha. O cansaço pela longa viagem marítima deixou-nos debilitados. No navio a comida era boa. Serviam sardinhas, carne duas vezes por semana e todos os dias, café pela manhã e chá pela tarde. Conhaque, vinho, limões e remédios foram de grande utilidade na travessia do Oceano Atlântico.

Agosto, 21.

Soube que um professor da Colônia Blumenau, o senhor Sebastião Saponski, e um pároco da Igreja Católica da Colônia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, o padre Antônio Zielinski — ambas próximas daqui —, pensam em transferir-nos para outra província. O esquema é à revelia do Governo Imperial, que impede os colonos imigrantes poloneses de saírem da Colônia Príncipe Dom Pedro. Dará certo?

Setembro, 3.

O território da Colônia Príncipe Dom Pedro foi extinto com tal nome e anexado ao da Colônia Itajahy. Assim, o nome foi trocado, passando a chamar-se Colônia **Brusque**. Considero importante anotar isso e mandar dizer para meus pais, pois quando eles escreverem, a carta vem para o lugar certo.

Setembro, 18.

Hoje recebemos notícias de que partiremos para a Província do Paraná. Levo no bolso meu bloco de anotações, a fim de contribuir com o registro de nossa vida aqui no Brasil. No coração, novamente aquela sensação de angústia pelo desconhecido.

Curitiba, aqui vou eu...!

Posfácio **

Ao fim deste texto, lembrei-me de Gore Vidal, que, em "Lincoln", perguntou-se do quanto de real e do quanto de ficção era composta aquela obra. Os que conhecem a História da chegada dos primeiros poloneses ao Brasil certamente fazem-se, agora, a mesma pergunta.

O texto traz informações curiosas, desde a chegada ao porto de "Ithajay", até a vinda para Curitiba, passando por informações sobre o nascimento e a saúde da primeira "polonesa-brasileira" e a

escassez de trabalho na região, sempre retratando a angústia e a esperança do nosso desconhecido narrador.

"Anotações de um imigrante" não pretende, imagino eu, acender novas luzes sobre a conturbada "primeira história" dos imigrantes poloneses que chegaram ao Sul do Brasil em 1869, na cidade hoje conhecida como Brusque.

A intenção da autora é bastante clara: dar um pouco de humanidade, de sentimento, de coração à História, que nos relata sem piedade as dificuldades sofridas à época.

** Sérgio Ricardo Otero Goulart Filho, aluno do curso de Engenharia Mecânica da Escola Técnica Federal do Paraná.

ACONTECEU...

OUTUBRO DE 1996

— DIA 1º. — O INSS iniciou amplo arrastão de fiscalização em todo o Estado catarinense, visando, é óbvio, aumentar a arrecadação e punir os sonegadores. *** É destaque a notícia sobre a ação de vandalismo que tem destruído muitos telefones públicos na cidade e nos bairros. *** Promovido pelo Centro de Educação Infantil, realizou-se interessante desfile de crianças de 0 a 5 anos, num total de 107, percorrendo 300 metros, para homenagear o início da Primavera em Blumenau. O desfile ocorreu na rua Luiz Eleodoro da Silva, no bairro Ponta Aguda.

— DIA 02 — No Teatro Carlos Gomes, aconteceu a encenação da peça teatral de Israel Horovitz "A Quarta Dimensão", interpretada por Denise Fraga e Juca de Oliveira.

— DIA 03 — Uma vaca de propriedade do ruralista Heinz Georg, de Itoupava Central, deu à luz duas belas bezerras gêmeas, causando surpresa geral. As crias nasceram perfeitas.

— DIA 04 — O povo blumenauense conheceu o seu novo prefeito, o advogado Décio Nery de Lima, vereador do PT, que conquistou expressiva vitória sobre o segundo colocado, Wilson Wan-Dall, por uma diferença de 22.203 votos, apoiado, assim, por cerca de 67% do eleitorado. Dos 21 vereadores eleitos, 14 são renovação. *** Na Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo de Blumenau, frei Edgar Weist, ofm, abençoou várias espécies de animais domésticos, inclusive um casal de Lhamas, de propriedade do empresário Beto Carrero. A bênção foi feita em nome de São Francisco de Assis, protetor dos animais.

— DIA 06 — Segundo pesquisa feita pelo Instituto de Formação e Assessoria Política e Social de São Paulo, ficou revelado que, entre os municípios com mais de cem mil habitantes no Brasil, Blumenau ocupa o 6º. lugar em qualidade de vida.

— DIA 07 — Dentro de uma viatura da guarnição, os soldados bombeiros, com

curso de pará-médicos, Antônio Cuchavá, Mário Curbani e Robson Milbratz, pertencentes do Sistema de Atendimento Pré-Hospitalar, fizeram o trabalho de parto de emergência na parturiente Luciane Berti Kulka, que deu à luz à menina Luciane, com 4 quilos e 16 gramas, medindo 52 centímetros. Mãe e filha foram posteriormente conduzidas ao hospital para a conclusão dos atendimentos. Após o atendimento, mãe e filha regressaram ao lar.

— DIA 07 — Na Rua dos Caçadores, bairro Velha, assaltantes armados roubaram do Posto Bancário do BESC, ali localizado, a quantia de treze mil reais.

— DIA 08 — Na Galeria Municipal de Artes da Fundação Cultural de Blumenau, foi aberta exposição de telas de autoria da artista plástica Ivonil. Na mesma ocasião, aconteceu o lançamento do livro "Sobre os Nossos Desenredos", de autoria do poeta Wagner Alfredo D'Ávila.

— DIA 09 — Chegaram a Blumenau quatro bandas alemãs que vieram para abrilhantar os festejos da 13ª. Oktoberfest. *** A empresa San Motors inaugurou nova loja em Blumenau, localizada à rua Antônio da Veiga, 476.

— DIA —10 — Com o desfile pela rua 15 de Novembro, integrado por cerca de 3 mil pessoas, 122 atrações e 13 carros alegóricos, foi aberta a 13ª. Oktoberfest, edição 1996, para durar 17 dias. *** No Shopping Center Neumarkt, a artista Ruth Pfeifer abriu exposição de 50 casinhas de pássaros, por ela elaboradas com arte e sensibilidade, tornando-se uma atração muito especial no local. *** Em Timbó foi aberta a 7ª. Festa do Imigrante — FESCATI —, ocorrida no Pavilhão Municipal de Esportes. *** No Espaço Cultural da Caixa Econômica Federal, foi inaugurada exposição individual da artista plástica Suely Freygang Girardi e a exposição "A Colonização do Vale do Itajaí". *** No bloco A da FURB, foi aberta exposição de novos artistas radicados em Blumenau. *** No Shopping Center Neumarkt, foi inaugurada mais uma exposição — a 11ª. — do Foto-Chop, com as mais atraentes e artísticas fotos, causa de admiração e aplausos gerais, a exemplo das exposições ocorridas nos anos anteriores.

— DIA 16 — No Espaço Cultural do BESC, agência central, foi aberta exposição de pintura da artista plástica Lena Barbosa. *** No Espaço Cultural do Banco do Brasil, foi aberta exposição de pinturas a óleo sobre tela da artista Marly Chatagnier Bernardi e Maria Madalena Rebelo. *** Na praça central do Shopping Center Neumarkt também foi aberta atraente exposição das artistas plásticas Mirian Christe Kracik, Rosane Christe Reis, Fábria Christe Volkmann e Maria Cecília Poli Kretzer, com telas em técnicas mistas.

— DIA 17 — Na Cervejaria Continental instalada na Praça Hercílio Luz, aconteceu a festa de lançamento da Campanha Ação Criança, juntamente com a gravação do programa "Perfil", de Otávio Mesquita. *** Um incêndio destruiu nesta cidade cerca de 3 mil metros quadrados de vegetação nativa localizada no bairro Fortaleza. A ação dos bombeiros impediu que o incêndio alcançasse proporções maiores.

— DIA 18 — Nesta madrugada, seis homens encapuzados invadiram o Centro Comercial e Industrial — CIC — na Itoupava Norte, próximo à Estação Rodoviária, arrombando e saqueando 30 lojas. Os três funcionários que trabalhavam no prédio foram rendidos e trancados num dos banheiros.

— DIA 19 — No Hotel Parthenon, à rua Curt Hering, foi aberta bela exposição de pinturas da consagrada e aplaudida artista plástica Julieta Brunning, de conceito internacional. *** Os poetas Tchello d'Barros e Marcelo Steil, abriram, no auditório da Fundação Cultural de Blumenau, "Laboratório ou Oficina Poética", direcionada a estudantes de 1º. e 2º. graus. Uma bela iniciativa. *** Na Praça de Alimentação do Centro Comercial Hering, foram expostas cerca de 80 peças de Cerâmica Marajoara, de variada composição causando admiração geral.

— DIA 22 — A partir deste dia, o DIA DO AVIADOR, abriu exposição promovida pelo Aéreo Clube de Blumenau, para comemorar o acontecimento. Entre muitas fotos e outros aparelhos, até um planador foi exposto. *** A partir deste dia, ficou proibida a pesca no rio Itajaí-Açu para atender até 15 de janeiro, o período de reprodução — a Piracema. *** No Shopping Center Neumarkt foi inaugurada uma filial das Casas Bahia.

— DIA 29 — Segundo estatísticas publicada, a 13ª. Oktoberfest recebeu, este ano, 512.213 pessoas, o que representou uma queda ou redução de 45% relativa ao ano passado. As causas? Muitos acreditam que uma delas, muito importante, está relacionada com a desfiguração dos reais objetivos que inspiraram o ex-secretário de Turismo Antonio Nunes e a decisão do ex-prefeito Dalto dos Reis: uma festa de tradições trazida da Alemanha, estimulada exclusivamente por música alegre e tradicional, sem a presença de festival de Rock dentro dos 18 dias de festa. *** No Teatro Carlos Gomes, em homenagem a Tom Jobim, a Orquestra do Conservatório de Tatuí, com Wagner Tiso, dentro do Projeto Brasil Musical, ofereceu magnífico espetáculo que recebeu vastos aplausos da seleta platéia presente.

— DIA 30 — No Café New York, situado no Centro Comercial Hering, foi aberta exposição das artistas Lucienne Sprung e de Elisa Naso Miya. *** Em Florianópolis foi aberto o Terceiro Congresso de Marketing e Negócios do Cone Sul.

Saudações em verso ao Rei (Rainha) do Tiro

(original em alemão, pequena parte em dialeto pomerano)

AUTORA: SRA. ANNI JENSEN KOPROWSKI

ÉPOCA: A pesquisar, entre 1940/85. Os nomes próprios e locais referidos no texto indicarão local e época.

OBS.: A Sra. Anni Koprowski ainda participava do «Schuetzenverein» de Alto Benedito Novo em idade avançada. Anni e Henrique Ko-

prowski foram Reis do Tiro em vários anos de suas vidas e Anni foi também Campeã de Boliche.

TRADUÇÃO: Anna Maria Koprowski Garcia, (dialecto pomerano incompleto).

(1) RAINHA

Já um ano inteiro transcorreu
desde que «te atiraste» Rainha!
Chegamos com música e rufar de tambores
para contigo festejar este belo dia!
Um lampejo de alegria
iluminou hoje o nosso coração
e por isso viemos apressados!

Então vê, digníssima Rainha, olha bem:
as irmãs do Tiro se reúnem em volta de ti
para desejar-te, de todo o coração,
a melhor proteção
para tua festa do Tiro.
Que vivas bem e feliz
no círculo dos teus queridos
ainda por muitos anos.

Há aquelas que vieram de muito longe
por certo com o estômago vazio
e a garganta também totalmente seca...
«Claro», elas esperam por um chope!
Agora, honrada Rainha, concede tua atenção
para o sonho que tive, na noite que passou:
querias matar uma vaca,
mas, que pena, teu querido esposo não deixou.
Tudo bem, pensaste, farei muito mais
belas tortas coloridas, nem sei de quantos sabores!

Mas eu, quero fazer algo de bom
e recomendo que o façam depressa e barato
e disto ninguém vai rir:
um pedaço de pão com muss e banha, não seria gentil?
E, no fim, damos razão ao nosso mestre Oscar Maier:
porque, como sempre, em toda parte, comeremos de novo
pão com sardinha e ovo!

(Continua no próximo número)

Provérbios

Recebi e agradeço ao caro colega Jefferson D. de Paula o seguinte:

«Falar sobre provérbios, nas circunstâncias em que o faço, é duplamente gratificante. Primeiro, atendo à convocação de José Gonçalves, contida na Revista «Blumenau em Cadernos», de agosto último. Segundo, transporto-me não só de Viçosa, Minas Gerais, onde passei a minha infância e juventude, como a Cajuri, Coimbra, Teixeira, Araponga, São Miguel do Anta, São Vicente do Gramma, Pedra do Anta, Erval, Canaã e Juiz de Fora, que me propiciaram diversificado material folclórico.

Bem mais tarde, indo a Itamonte, Itanhandu, Caxambu, São Lourenço, Cambuquira, São Gonçalo do Sapucaí, Três Corações, Varginha, Machado, Elói Mendes, Três Pontas, Boa Esperança e Poços de Caldas, ampliei a minha coleção de provérbios.

Da coletânea daí resultante, muitos serão nacionais, alguns meras traduções ou adaptações, mas todos têm curso em diferentes regiões do país. É quanto basta para merecerem registro.

Dito isto, vamos aos provérbios:

A pior cunha é a do mesmo pau
Depois da onça morta, o veado passeia no couro
Um grito dado a tempo salva a boiada
Cerca pobre é que põe boi ladrão
Quem não tem b... não senta no morro
A cão danado, todos a ele
Angu de um dia não engorda cachorro
Festa acabada, músicos a pé
Em festa de jacu, inhambu não vai
Quem anda aos porcos tudo lhe ronca
Quem com porcos se mistura farelo come
Quem quer ver marmota, paga
Quem herda não rouba
Quem deve a Deus, paga ao diabo
De noite todos os gatos são pardos
Do couro saem as correias
Em terra de sapos, de cócoras com eles
O risco que corre o pau corre o machado
Uns gostam de sarro pito, outros fumo de candeia
A regra se põe na boca do saco
Atrás do pobre anda um bicho
Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas
Missa e maré se espera ao pé
Amarra-se o burro à vontade do dono
Dizer o milagre, mas não o santo
A cruz nos peitos e o diabo nos feitos
Pôr o carro adiante dos bois
Casa em que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão

Cabe aqui, para finalizar, um registro oportuno:

Ainda rapazote, em Viçosa, a pedido de minha mãe, fazia, a exemplo de outros improvisados artesãos, colher de pau, em cuja extremidade do cabo esculpia um ramo de flores ou cabeça de ave. Por mais bem feita que fosse, o seu valor unitário não ia além de 300 ou 400 réis. Pois bem. Tempos depois descobri, surpreso, um provérbio que, sutilmente, faz pouco-caso tanto da obra como de seu autor:

— Quem tem tempo faz colher de pau e borda o cabo.

Este, e mais cinco que abrem a relação de provérbios, nunca os ouvi fora de Minas Gerais».

ÍNDICE DA REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS" — TOMO XXXVII

Aconteceu... — Novembro de 1995	24
Aconteceu... — Dezembro de 1995	54
Aconteceu... — Janeiro de 1996	91
Aconteceu... — Fevereiro de 1996	118
Aconteceu... — Março de 1996	153
Aconteceu... — Abril de 1996	180
Aconteceu... — Junho de 1996	220
Aconteceu... — Julho de 1996	246
Aconteceu... — Agosto de 1996	286
Aconteceu... — Setembro de 1996	315
Aconteceu... — Outubro de 1996	370
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves — 28, 56, 90, 123, 144, 185, 208, 244, 282, 319, 361	
Andanças com bicicleta pelo Vale do Itajaí entre 1912-1938 — Otto Stange	249, 273
Anotações de um imigrante	367
Os aposentados do "Viva-a-Vida" se reúnem em mais um almoço	219
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio 10, 36, 77, 107, 135, 168, 202, 234, 265, 296, 336	
Avanço tecnológico para a melhor visão	288
Brusque foi uma Colônia de Ingleses? — Aloisius Carlos Lauth	311
Cartas	29, 93, 216
Cartas — Alfred Zinkhahn	320
Cinemas, ontem e hoje — Gervásio Tessaleno Luz	170
Confeitaria Tonjes: Da Frísia para Blumenau e a Rua 15 — Werner H. Tonjes 38, 68, 111	
Confissões da infância — Knut Ewald Koster Mueller	294, 327
Crônica da Família Gebien — Tradução: Horst Baumgarten	356
Crônica de uma menina blumenauense — Edith Sophia Eimer	301
Curiosidades de uma época — S.C. Wahle	43, 143
Curiosidades de uma época - XL — S.C. Wahle	81
Curiosidades de uma época - XLI — S.C. Wahle	119
Curiosidades de uma época - XLIII — S.C. Wahle	164
Curiosidades de uma época - LII — S.C. Wahle	229
Curiosidades de uma época - LIII — S.C. Wahle	272
Curiosidades de uma época - XLVI — S.C. Wahle	298
Curiosidades de uma época - LXIV — S.C. Wahle	326
Efeméride na firma Ronny Phillippi	264
Evolução histórica do Município de José Boiteux/SC — Nilson Cesar Fraga	302, 338
Figura do Passado — S.C. Wahle	08
Figura do Passado — Antônio Roberto Nascimento	344
Figura do Passado — Armando Luiz Medeiros	115, 292
Figura do Presente — José Gonçalves	50
A Fundação mudou — Altair Carlos Pimpão	02
Genealogia das Famílias Gehrent-Schmidt e Silva-Gorges 30, 60, 94, 123, 154, 188, 222	
A ida de Fritz Müller ao Liceu Provincial em Desterro — Viegas Fernandes da Costa 52	
Jornais do meu tempo (1) — Gervásio Tessaleno Luz	217, 245
Jornais do meu tempo (3) — Gervásio Tessaleno Luz	310
Jornais do meu tempo (4) — Gervásio Tessaleno Luz	343

O jovem cientista Fritz Müller — Juceli T.C. Zunino	279
Jubileu de ouro festejado pelos integrantes da turma de 1945 do Tiro de Guerra nº 475	26
Lançamento do índice de "Blumenau em Cadernos"	281
A Literatura em Língua Alemã de autores joinvilenses e blumenauenses — Valburga Huber	145
Mais uma etapa vencida — O editor	322
Memória histórica de vitoriosa colonização	82
Memória histórica de vitoriosa colonização — Carlos Augusto Ferraz de Abreu	46
Memória histórica de vitoriosa colonização — Toni Vidal Jochem	12
Memórias de um imigrante	05
Memórias de um imigrante — Maria Schürmann Huber	196, 236
Memórias de um imigrante — Tradução de Valburga Huber	316
Mulher imigrante — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	353
Museu móvel da história de vida de Madre Paulina — José Gonçalves	218
Nicolau Deschamps nascido francês — Frei Elzeário Deschamps Schmitt, OFM ..	200
Notícias do Município de Penha	76
Ô Catarina! e a cultura açoriana	288
"Ô Catarina" reaparece com muito vigor e valores reais	92
Peregrino Servita de São Tiago — Antônio Roberto Nascimento	149
1º. Encontro da Família Michels	260
Provérbios — Jefferson D. de Paula	374
Provérbios do tempo de minha infância — José Gonçalves	248
Cue fim levou a minha Blumenau? — Ruy Moreira da Costa	230
Registros de Tombo de Brusque (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn	19
Registros de Tombo de Brusque (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn	58
Registros de Tombo de Brusque (III) — Pe. Antônio Francisco Bohn	87
Registros de Tombo de Brusque (IV) — Pe. Antônio Francisco Bohn	121
Registros de Tombo de Brusque (V) — Pe. Antônio Francisco Bohn	183
Registros de Tombo de Brusque (VI) — Pe. Antônio Francisco Bohn	206
Registros de Tombo de Brusque (VII) — Pe. Antônio Francisco Bohn	241
Registros de Tombo de Brusque (VIII) — Pe. Antônio Francisco Bohn	269
Registros de Tombo de Brusque (IX) — Pe. Antônio Francisco Bohn	307
Registros de Tombo de Brusque (X) — Pe. Antônio Francisco Bohn	354
Reminiscências da 15 — Werner Henrique Tonjes	137, 214, 247, 283, 328
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta 22, 44, 79, 109, 142, 166, 204, 240, 268, 299,	332
Reminiscências de um cidadão que deixou saudades — José Gonçalves	132
Rodovia Ingo Hering — uma justa homenagem	27
Rua XV, mão única (I) — Gervásio Tessaleno Luz	92
Saudações em verso ao Rei (Rainha) do Tiro — Tradução: Anna Maria K. Garcia ..	372
Saudosismo do carro de molas — Orlando Olinger	74
Um capítulo da história de Rio do Sul — Emílio Odebrecht	171
Um luso-brasileiro em Blumenau — Ruy Moreira da Costa	13, 100, 210
Um pouco da história de Taió	366
Um rio que imita o Reno — Grete Medeiros	262
Uma excursão de páscoa à Serra do Mirador	362
Verbetes para dicionário de história (2) — Theobaldo Costa Jamundá	03
Verbetes para dicionário de história (3) — Theobaldo Costa Jamundá	34
Verbetes para dicionário de história (4) — Theobaldo Costa Jamundá	66
Verbetes para dicionário de história (5) — Theobaldo Costa Jamundá	98
Verbetes para dicionário de história (6) — Theobaldo Costa Jamundá	130
Verbetes para dicionário de história (7) — Theobaldo Costa Jamundá	162
Verbetes para dicionário de história (8) — Theobaldo Costa Jamundá	194
Verbetes para dicionário de história (9) — Theobaldo Costa Jamundá	226
Verbetes para dicionário de história (10) — Theobaldo Costa Jamundá	258
Verbetes para dicionário de história (11) — Theobaldo Costa Jamundá	290
Verbetes para dicionário de história (12) — Theobaldo Costa Jamundá	323
Vida de descendentes alemães no Hinterland e o auxílio da Mãe Natureza — Werner Henrique Tonjes	186
Viva-a-vida recebe mais adeptos	267
"Viva-a-vida" — um clube de aposentados que não possui regulamentos e estatutos mas que já tem memória histórica — José Gonçalves	139

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.
89010-001 B L U M E N A U Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

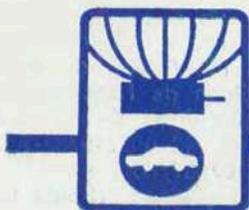
- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves
Diretor Depto. Histórico Museológico: Sueli M. V. Petry



Consórcio
Breilkopf

COMPROVADAMENTE SEGURO

DISQUE CONSÓRCIO — 326-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING
T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.